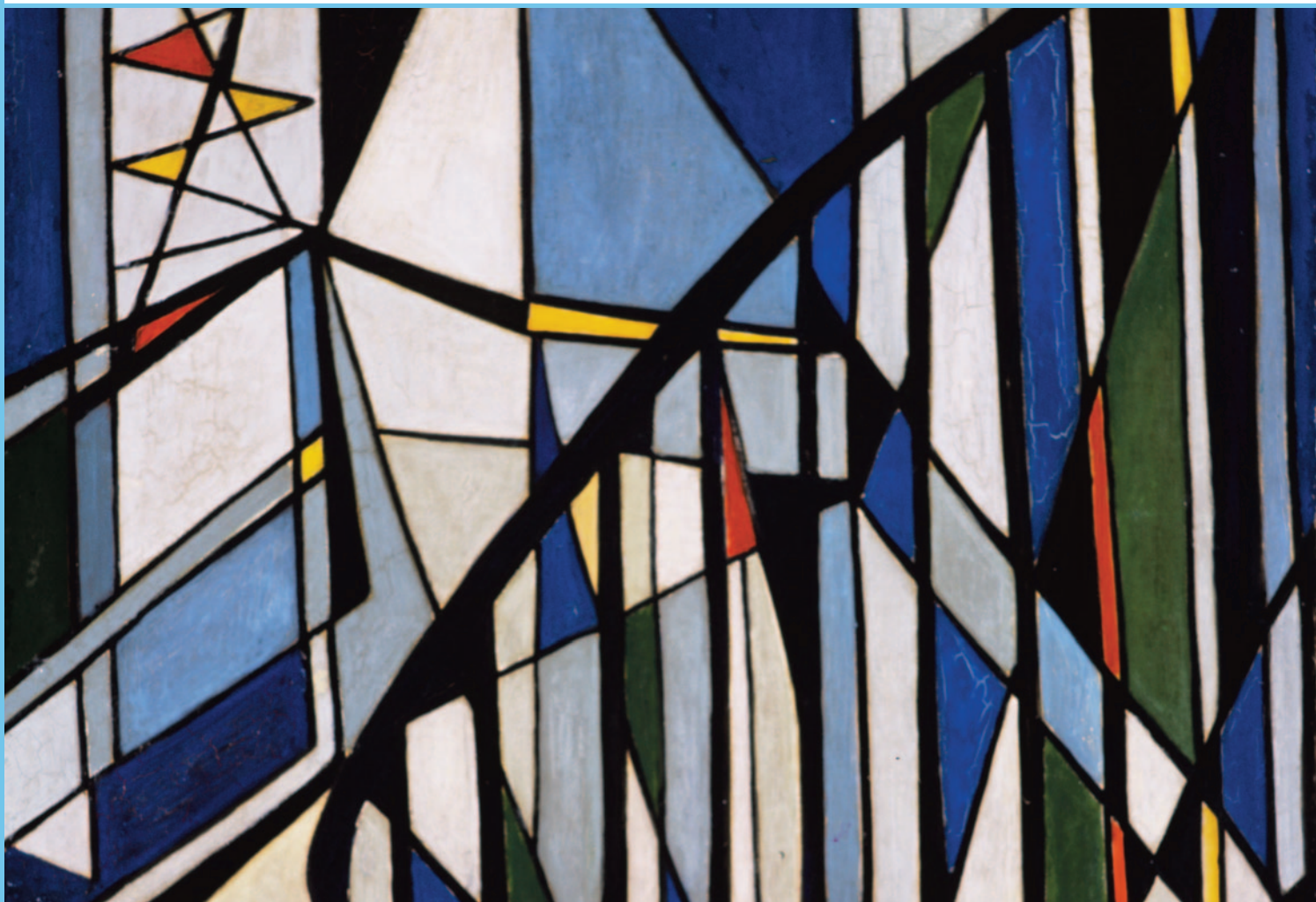


OXIGÊNIO

MARÇO 2024

o

NÚMERO 55



PANORÂMICA DE
LYGIA CLARK NA PINA LUZ

EDITORIAL

SETE SALAS DÃO LUZ AO IMPRESSIONANTE ACERVO DE LYGIA CLARK

Este é só o começo do que você verá na OXIGÊNIO: além de Lygia Clark na Pina Luz, tem Francis Bacon e Mário de Andrade no MASP, George Love no MAM SP e mais maravilhas da arte pelo Brasil afora.

O centenário de Lygia Clark, um dos maiores nomes da arte contemporânea brasileira, merecia uma comemoração à altura. E a Pina Luz se encarregou disto: uma retrospectiva com 150 obras da artista e muita interatividade, que abre dia 2 de março.

Mário de Andrade e Francis Bacon se encontram no MASP, no ano dedicado à temática LGBTQIA+. As fortes pinceladas do artista irlandês, que tratam da carne e do desejo, se encontram com a memória das viagens do escritor, musicólogo e intelectual paulistano que deu ao Brasil o herói Macunaíma para chamar de seu.

O fotojornalismo do norte-americano George Love, que dedicou anos de sua vida ao Brasil, ganha retrospectiva no MAM paulista, com pelo menos 500 obras e livros, muitos deles em parceria com a fotógrafa Claudia Andujar.

O múltiplo Festival de Curitiba começa logo; a ópera *Madama Butterfly* estreia no Municipal de São Paulo, em comemoração ao centenário de Giacomo Puccini; e a última itinerância da BIENALSUR ocupa o CCBB do Rio.

Ih, mas ainda tem muito mais arte aqui dentro! Entra e vai lá ver!

Capa: Lygia Clark, *Escada*, 1951, Coleção Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB, FAAP, São Paulo

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Maurette Brandt

ÍNDICE

04

OXIGENE: Tiradentes no foco de todas as lentes | Doçura, tragédia e sina: nova montagem de *Madama Butterfly* abre a temporada de ópera do Theatro Municipal de São Paulo | Comida e arte se misturam num espetáculo de saberes e sabores | Paço Imperial (RJ) promove conversa com a artista Iole de Freitas sobre sua exposição em cartaz no centro cultural

12

MATÉRIA DE CAPA: Lygia Clark na Pinacoteca Luz perto dos corações jovens (e dos antigos também)

17

O vasto espaço pictórico das paisagens abstratas de Mariannita Luzzati

20

Francis Bacon e Mário de Andrade no MASP

29

Habitar Juntos, de Carlos Bunga: primeira individual do artista no Brasil

34

Amor à arte, às gentes e à vida – *George Love: Além do Tempo* abre a programação do MAM SP 2024

40

Signos na Paisagem no CCBB Rio de Janeiro

48

Cinco bons motivos pra não calar

51

Em Maricá, um futuro com conexões, imagens, arte e em paz com o planeta

55

Vertigens do Rio: trabalhos de 12 artistas refletem a cidade

60

Festival de Curitiba: mais de 300 atrações



[2024] FESTIVAL
DE FOTOGRAFIA
DE TIRADENTES

[06 a 10
MARÇO]

Foto: César Reis

TIRADENTES NO FOCO DE TODAS AS LENTES

Em sua 13ª edição, o Festival de Fotografia movimenta um dos cenários coloniais mais belos de Minas Gerais. O evento acontece de 6 a 10 de março

Lentes afiadas, imaginação à solta: é hora de fotografar e admirar Tiradentes mais uma vez. Chegou o *Festival de Fotografia de Tiradentes – Foto em Pauta 2024*, que começa no dia 10 de março, com uma programação intensa, diversificada e gratuita.

Exposições, debates, palestras, projeções de fotografias, lançamentos de livros e atividades educativas vão tomar conta do Centro Cultural Yves Alves e de outros charmosos espaços da cidade. Mantendo sua tradição de qualidade, o Festival proporcionará aos participantes ricas experiências e trocas com profissionais de renome nacional e internacional, cuja produção artística é representativa no cenário da fotografia brasileira.

O 13º Festival de Fotografia de Tiradentes é viabilizado com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura e da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, com apoio de pa-

trocinadores tradicionais. A programação completa está disponível no link <http://fotoempauta.com.br/festival2024/>.



Rua Direita, em frente ao Centro Cultural Yves Alves
Foto: Leo Lara / Foto em Pauta

Doçura, tragédia e sina: nova montagem de MADAMA BUTTERFLY abre a temporada de ópera do Theatro Municipal de São Paulo



Flyer de divulgação

Com direção de Livia Sabag, o clássico de Puccini desembarca em São Paulo sob os ecos do sucesso recente no Teatro Colón, de Buenos Aires

No dia 15 de março, o Theatro Municipal de São Paulo abre a temporada de ópera com *Madama Butterfly*, uma das óperas mais conhecidas do compositor Giacomo Puccini. O momento é solene e a escolha se justifica: em todo o mundo, começam as homenagens ao centenário da morte do compositor, falecido em 1924. Além do mais, esta montagem teve grande sucesso, recentemente, no Teatro Colón de Buenos Aires, na Argentina.

O ENREDO

A ópera *Madama Butterfly* tem direção cênica da premiada Livia Sabag, que ressalta o declínio social e o empobrecimento que acontecem na vida de Cio-Cio-San, evidenciando aspectos socioculturais e de gênero que desembocam no desfecho trágico da personagem. Livia ressalta, na ação, o declínio social e o empobrecimento que atingem Cio-Cio-San, a protagonista, uma jovem

de apenas 15 anos que é literalmente vendida pela família para um casamento de faz-de-conta com um oficial da Marinha americana – um destino até comum, na época, para as moças das classes mais pobres.

O machismo, tão evidente na cultura japonesa quanto na norte-americana, se manifesta no comportamento (também racista) de Pinkerton, o oficial americano com quem Cio-Cio-San se “casa” e tem um filho. Abandonada pelo “marido” que promete voltar, a inocente jovem demora a perceber a realidade que, em pouco tempo, a levará ao limite. A direção cênica tem o cuidado de conduzir o público a perceber e acompanhar o drama que envolve a jovem, que se converte ao cristianismo e acredita piamente que o seu casamento é real e que é amada pelo suposto marido.

O ESPETÁCULO

A regência de *Madama Butterfly* é dividida entre os maestros Roberto Minczuk e Alessandro Sangiorgi. Ao todo serão sete récitas, nos dias 15, 16, 17, 19, 20, 22 e 23 de março. As sopranos Carmen Giannattasio e Eiko Senda se revezarão no papel de Cio-Cio-San, em datas distintas.

No primeiro elenco, que se apresenta nos dias 15, 17, 20 e 23 de março, Celso Albello interpreta Pinkerton; Ana Lucia Benedetti é Suzuki (a aia de Cio-Cio-San); e Douglas Hahn interpreta Sharpless (o representante da embaixada dos EUA). Nas récitas de 16, 19 e 22 de 23, Enrique Bravo é Pinkerton, Juliana Taino interpreta Suzuki e Michel de Souza vive o papel de Sharpless. Participa ainda da montagem o Coral Paulistano, sob a regência de Máira Ferreira.

A cenografia fica a cargo de Nicolàs Boni; a iluminação, de Caetano Vilela; o figurino é assinado por Sofia Di Nunzio; Matísas Otálora comanda o vídeo e Mercedes Marmorek é assistente da direção cênica. Vale lembrar que cenografia, figurinos e adereços são

os mesmos utilizados na montagem do Teatro Colón, em Buenos Aires.

Os demais personagens serão vividos, em todas as récitas, por Elaine Martorano (Kate Pinkerton), Jean William (Goro), Carlos Eduardo Santos (Príncipe Yamadori), Andrey Mira (Bonzo), Márcio Marangon (Yakuside), Leonardo Pace (Comissário Imperial), Sebastião Teixeira (Notário), Magda Painno (mãe de Cio-Cio-San), Caroline de Comi (prima de Cio-Cio-San) e Graziela Sanchez (tia de Cio-Cio-San).

MAIS ATRAÇÕES NO MUNICIPAL

Teatro – Nos dias 8, 9 e 10 de março, na Cúpula do Municipal, será apresentado o espetáculo *“O Circo Preto da República Bantu”*, de Albert Ibokwe Khoza (África do Sul), que narra a vergonhosa história dos zoológicos humanos. Com preços populares, as apresentações são parte da Mostra Internacional de Teatro do SESC-SP.

Música – Nos dias 29 e 30 de março, a Orquestra Sinfônica Municipal apresentará a Segunda Sinfonia de Mahler, sob a regência do maestro Roberto Minczuk. No dia 30 de março, a Orquestra Experimental de Repertório executará uma obra da compositora inglesa Doreen Casrwithen e também a Quinta Sinfonia de Shostakovich, sob a regência do maestro Guilherme Rocha.

SERVIÇO

Madama Butterfly

Theatro Municipal de São Paulo

Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé, São Paulo / SP

Capacidade da Sala de Espetáculos: 1503 pessoas

Duração aproximada: 170 min com intervalo

Classificação indicativa: 12 anos

Ingressos: de R\$ 12 a R\$ 165

<https://theatromunicipal.org.br/pt-br/evento/madamabutterfly/>



Foto: Jerê Nunes

Comida e arte se misturam num espetáculo de saberes e sabores

O FIM É UMA OUTRA COISA, espetáculo idealizado pela atriz e pesquisadora Zora Santos, estreia em 9 de março no Sesc Avenida Paulista, com direção geral de Grace Passô e de Gabriel Santos

Com idealização e atuação de Zora Santos – atriz, pesquisadora da culinária afro-mineira e cozinheira – o espetáculo *O Fim É Uma Outra Coisa* estreia no dia 9 de março, sábado, no Sesc Avenida Paulista, às 20 horas. Com direção geral de Grace Passô e de Gabriel

Cândido, a dramaturgia é assinada por Dione Carlos, com a colaboração da própria Zora Santos.

Em cena, Zora Santos, aos 70 anos, conduz um encontro no qual os seus saberes alquímicos e ancestrais

sobre o uso dos alimentos – que nutrem, envenenam, curam e enfeitiçam – estão num jogo de relações entre as suas memórias, seus sonhos e a influência intelectual dos povos indígenas e negros no país, em tensão com o próprio passado-presente colonial do Brasil.

Por meio de uma multiplicidade de instrumentos culinários e musicais, que se confundem e se reinventam no fluxo dos acontecimentos, o espetáculo performático cria uma instalação sensorial permeada por cheiros, toques, sabores e sons, instaurando um universo de possibilidades tecnológicas, estéticas, poéticas e políticas, a partir da reunião de uma comunidade em torno do ato de cozinhar e de comer junto.

Para Zora Santos, que faz sua estreia como atriz num palco paulistano, *O Fim É Uma Outra Coisa* quer reverenciar a presença das mulheres negras, historicamente invisibilizadas no país, nas cozinhas brasileiras. “*Só sei demonstrar amor cozinhando*”, afirma. O espetáculo

não é uma narrativa linear e ficcional; e se organiza por meio de uma articulação de acontecimentos, a partir dos saberes, das vivências e das memórias de Zora – que evoca as relações entre negrura, comida, música, arte negra e performance, tendo como inspiração os pensamentos da intelectual Lélia Gonzalez.

PÚBLICO E ARTISTAS FICAM PRÓXIMOS

Dentro do espaço cênico intimista, os espectadores têm proximidade com o cenário/instalação e com os demais elementos da cena. E também com o elenco, liderado por Zora Santos, com as musicistas e os músicos Natália Lima, Rubi Assumpção, Renato Ihu e Michael Yuri. A música se relaciona com a presença de Zora nas cenas. As composições e a trilha sonora são originais, criadas na sala de ensaio em processo colaborativo, sob a direção musical de Maurício Badé. O cenário-instalação conta com uma obra de Lúcio Ventania, referência internacional como mestre bambuzeiro, que foi criada especialmente para o cenário do espetáculo.

Foto: Jerê Nunes





Foto: Jeré Nunes

A diretora Grace Passô argumenta que *“o espetáculo busca elucidar que a cultura negra e a indígena não estão em um lugar de contribuição, mas sim de estruturação da identidade brasileira”*. Mineira como Zora, Grace conta sobre sua relação com o trabalho da artista: *“Minha admiração passa pelas suas articulações com os coletivos e artistas negros de Belo Horizonte, e pela forma como se relaciona com a cozinha. Zora é uma artista que nos lembra que a cultura negra evidencia algo menos segmentado do que a separação arte x vida. Os elementos, a arte e a atuação estão sempre presentes, tudo convive em seu trabalho”*. E completa: *“Cozinha e arte representam a nossa cultura, fazem parte do ‘ser negro’; e Zora traz a comida como arte, a arte como alimento”*.

SERVIÇO

O Fim É Uma Outra Coisa

Estreia: 9 de março, sábado, às 20h

Temporada: 9 de março a 7 de abril

Sesc Avenida Paulista – Arte II - 13º andar

Avenida Paulista, 119, Bela Vista, São Paulo / SP
Transporte Público: Estação Brigadeiro do Metrô
Tel.: (11) 3170-0800 – www.sescsp.com.br

Dias/Horários: quarta a sábado às 20h, domingo às 18h

Duração: 75 minutos | Gênero: Performático

Classificação: Livre | Capacidade: 60 pessoas

Apresentações

9 e 10 de março – sábado e domingo

14 a 17 de março – quinta a domingo

20 a 24 de março – quarta a domingo

27 a 31 de março – quarta a domingo (Não haverá sessão no feriado, dia 29/03)

5 a 7 de abril – quarta a domingo

Sessões com audiodescrição: 20 e 21/03

Sessões com intérprete de Libras: 22, 23 e 24/03

Ingressos: R\$ 40,00 (inteira), R\$ 20,00 (meia-entrada) e R\$ 12,00 (Credencial Plena)

Vendas: <https://www.sescsp.org.br/unidades/avenida-paulista/>



Paço Imperial (RJ)
promove conversa
com a artista
IOLE DE FREITAS
sobre sua exposição
em cartaz
no centro cultural

*Marcado para 9 de março, às 15h,
o bate-papo também contará com a presença
de Sônia Salzstein, Paulo Venancio Filho,
Eucanaã Ferraz e mediação de João Fernandes*



No dia 9 de março (sábado), às 15h, o Paço Imperial (Praça XV de novembro, 48, RJ), promove um debate sobre a mostra *Iole de Freitas, anos 1970 – Imagem como presença*, exibida na instituição. Além da própria artista, a conversa terá a presença da curadora da exposição, Sônia Salzstein, do crítico de arte Paulo Venancio Filho e do poeta Eucanaã Ferraz. A mediação será de João Fernandes, diretor artístico do Instituto Moreira Salles (IMS). O evento é gratuito e sujeito à lotação do espaço.

Em cartaz até 24 de março, a exposição é organizada pelo IMS, que a exibiu em sua sede de São Paulo em 2023. A seleção reúne fotos e filmes produzidos por Iole na década de 1970, quando a artista viveu em Milão, Londres e Nova York. São 16 sequências fotográficas, 9 filmes e 3 instalações, a maior parte delas pouco conhecidas ou até mesmo inéditas para o público brasileiro.

As obras exibidas foram produzidas em um ambiente de efervescência política e cultural; especialmente em Milão, onde artistas mulheres ganhavam inédita proeminência no circuito de arte. Iole, que ficaria conhecida posteriormente sobretudo por sua produção escultórica, vinha de uma experiência de 18 anos com dança contemporânea – e, na cidade italiana, come-

çava a se lançar a performances silenciosas, sem audiência, nas quais se fotografava ou se filmava, muitas vezes lidando com a dispersão de sua própria imagem em fragmentos de espelhos.

Ao reunir a produção de Iole da década de 1970, a exposição evidencia a potência dessas obras que, vistas sob a luz dos debates contemporâneos, continuam suscitando novas questões e perspectivas. Ao visitar a exposição, o público pode conhecer um período central na trajetória da artista, no qual começa a explorar temas como o movimento e a transparência, que viriam marcar toda a sua obra posterior.

Serviço

Debate sobre a exposição

Iole de Freitas, anos 1970 – Imagem como presença

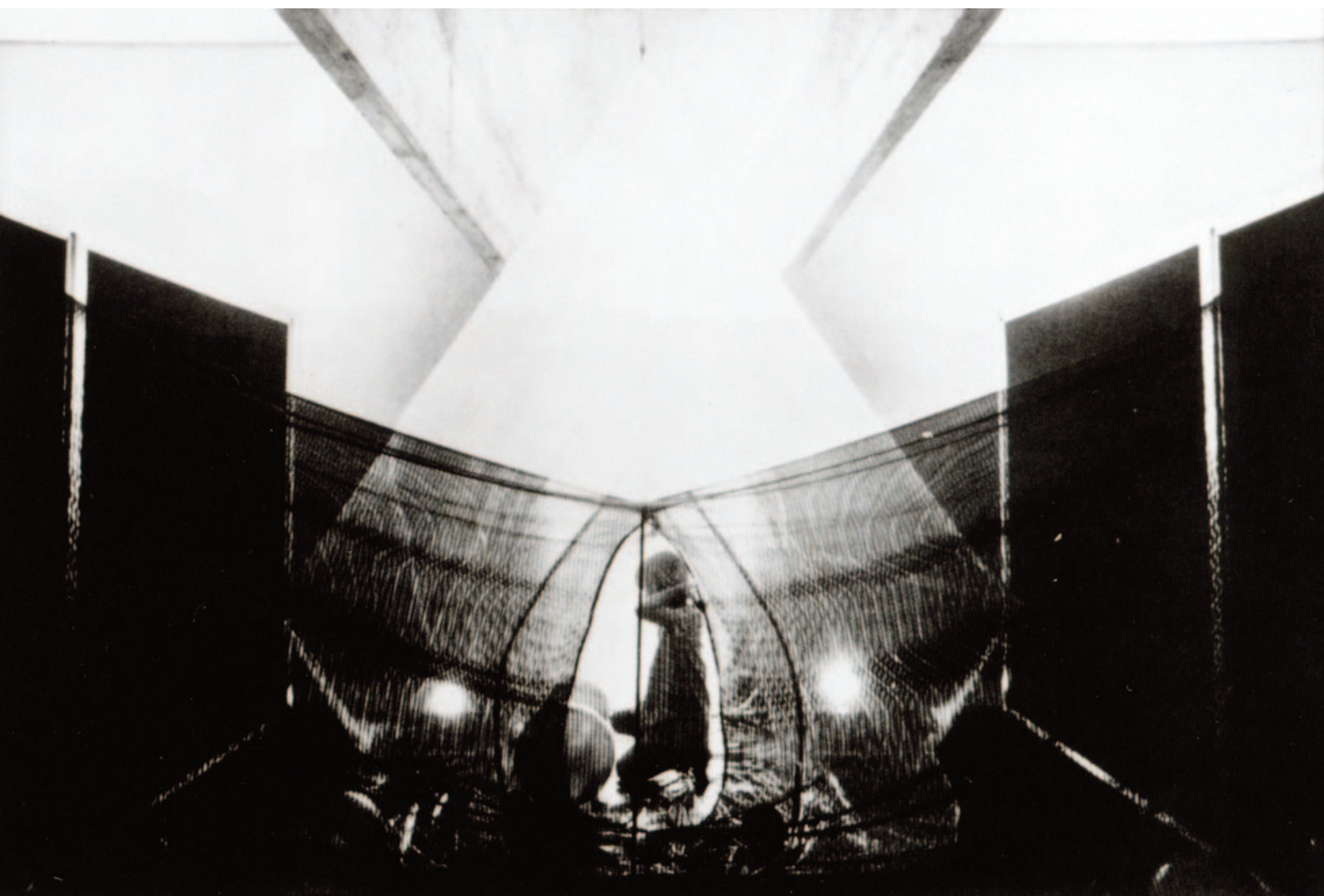
9 de março (sábado), às 15h, no Paço Imperial
com Iole de Freitas, Sonia Salzstein, Paulo Venancio Filho,
Eucanaã Ferraz e mediação de João Fernandes
Evento gratuito. Sujeito à lotação do espaço (80 pessoas)
Paço Imperial

Praça XV de novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ
Entrada gratuita

Horário de funcionamento:

terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 12h às 18h

LYGIA CLARK NA PINACOTECA LUZ: PERTO DOS CORAÇÕES JOVENS (e dos antigos também)



A casa é o corpo: labirinto, 1968

Foto: Arquivo Lygia Clark

LYGIA CLARK: PROJETO PARA UM PLANETA, que será inaugurada dia 2 de março, comemora o centenário da artista e reúne mais de 150 obras de diferentes fases da carreira de Clark, que buscam aproximar seu legado artístico das novas gerações

A Pinacoteca de São Paulo, museu da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, apresenta *Lygia Clark: Projeto para um planeta*, exposição panorâmica de uma das artistas brasileiras mais relevantes do século XX. A mostra ocupa as sete galerias expositivas da Pinacoteca Luz com mais de 150 obras que demonstram o legado dos mais de 30 anos de carreira da artista.



Projeto para um planeta, 1960

Foto: Divulgação

Com curadoria de Ana Maria Maia e Pollyana Quintella, a exposição comemora o centenário de Lygia Clark e apresenta obras como *Projeto para um planeta* (1960) – da série *Bichos*, que dá nome à exposição; a instalação *A casa é o corpo*, feita para a Bienal de Veneza de 1968; e *Maquete para interior nº 3*, reproduzida em grande escala especialmente para a Pinacoteca.

Lygia Clark foi uma das artistas responsáveis por reestruturar o vocabulário artístico brasileiro a partir da década de 1960, desafiando as fronteiras entre o papel do artista e do público – e propondo uma nova relação entre corpo e objeto. Na Pinacoteca, a exposição estabelece uma conexão entre as diferentes fases da carreira de Clark, apresentando suas pinturas iniciais, a passagem pelo movimento neoconcreto, proposições participativas e projetos arquitetônicos. A mostra reúne uma grande seleção de obras históricas, vistas poucas vezes nos últimos anos.

“Lygia Clark tem um lugar fundamental na formação de repertório sobre formas de produzir e experimentar arte. Passados 18 anos desde a última mostra dedicada à artista no museu, é preciso assegurar que públicos das mais variadas origens e idades, sobretudo estudantes, possam não apenas ler sobre as obras e proposições da artista, mas acessá-las e vivenciá-las presencialmente” – defendem as curadoras.



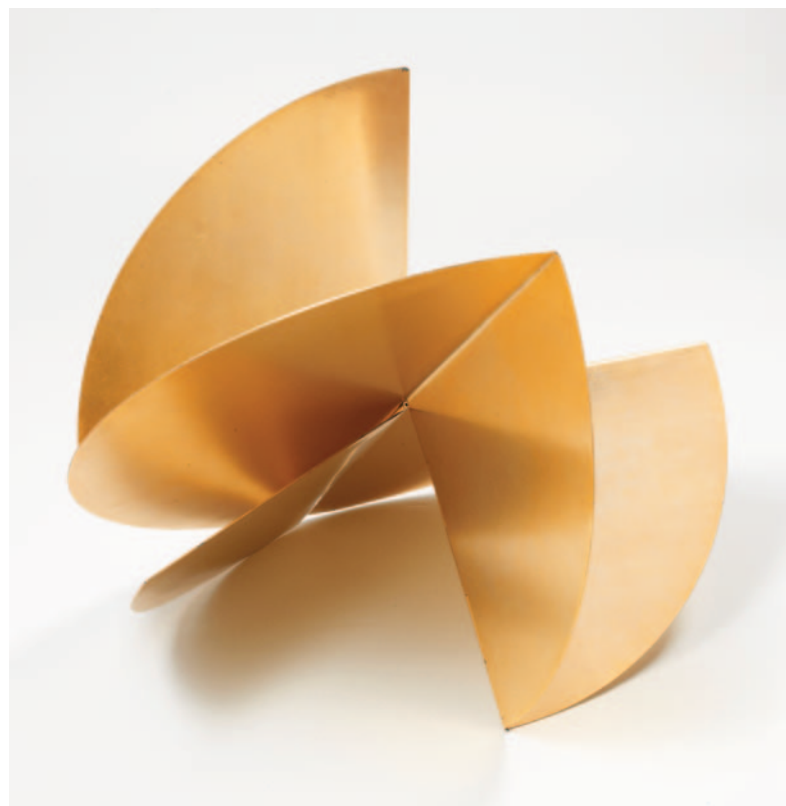
Superfície modulada n. 20, 1956

Foto: Divulgação

SOBRE A EXPOSIÇÃO

A mostra começa a partir de uma proposição fundamental para a artista: a participação do público. Um tablado com réplicas da série *Bichos*, uma das mais famosas produzidas por Clark a partir de 1960, fica disponível para o manuseio do visitante, no centro da galeria expositiva. Ao redor, algumas pinturas da fase inicial e trabalhos importantes da carreira da artista, exibidos em 1965 na galeria *Signals*, em Londres. As séries *Superfícies Moduladas* e *Composições* também fazem parte do conjunto de trabalhos exibidos nesta sala.

Na segunda sala, vinte *Bichos* originais são reunidos pela primeira vez em mais de uma década. Entre eles estão *Relógio de Sol* (1960), adquirida pela Pinacoteca a propósito da mostra *Projeto Construtivo Brasileiro*, organizada por Aracy Amaral no museu em 1977, e a obra *Projeto para um planeta* (1960).



Bicho – Relógio de sol, 1960

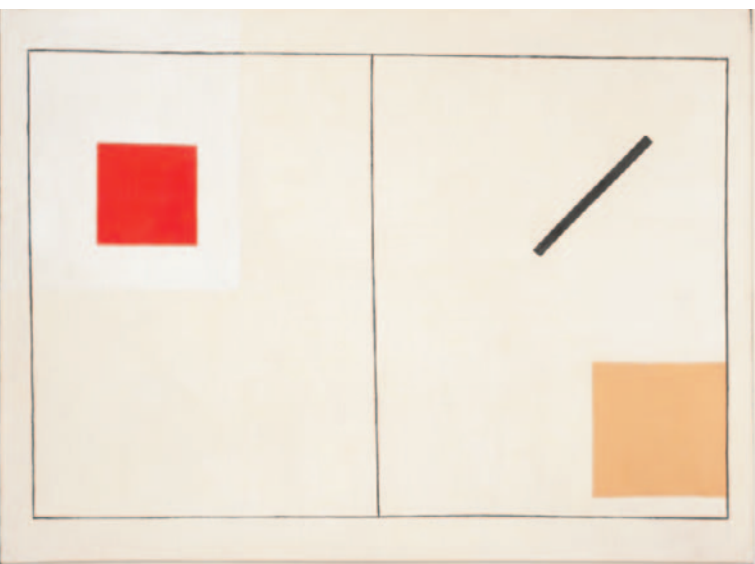
Foto: Divulgação

A terceira sala da mostra dá sequência aos desdobramentos da pesquisa de Lygia Clark no campo tridimensional, quando os *Bichos* dão lugar às *Obras moles* (1964) e aos *Trepantes* (1964-65). Na sala também está a obra *Caminhando* (1964), trabalho que representa um momento crucial da carreira de Clark: quando a artista rompe com a noção de autoria, ao convidar o público, a partir de uma série de instruções, a cortar uma tira de papel em formato de uma fita de *Moebius*, levando os visitantes a considerar a obra como "puro ato".

A quarta sala da mostra se concentra naquilo que a artista chamou de linha orgânica, já interessada nos limites entre arte e vida, ao observar uma linha de espaço que se formava no encontro entre dois materiais distintos. A partir da sua "quebra da moldura", que passa a ser integrada à pintura, Clark buscou abandonar o espaço metafórico da representação em direção à conquista do espaço real, sem dissociar a obra do mundo. Na galeria estão presentes trabalhos fundamentais dessa fase, como *Quebra da moldura* (1954) e *Descoberta da linha orgânica* (1954).

Foi a partir da descoberta da linha orgânica que se deu a aproximação de Clark com a arquitetura. Pensando formas funcionais e olhando para o espaço cotidiano, a artista passa a desenvolver propostas arquitetônicas interessadas em permitir que o usuário possa transformar a estrutura física do espaço. A obra *Maquete para interior nº 3* (1955) foi remontada em grande escala especialmente para a Pinacoteca. Outros trabalhos em maquete, composições, *Estruturas de caixas de fósforos* (1964) e a série *Escadas* (1948-51) – capa desta edição –, parte importante do seu estudo de linhas e planos, complementam a sala.

Com a superação do objeto artístico, conquistada com a obra *Caminhando*, Lygia passa a apostar numa experimentação mais profunda do corpo. A partir de meados da década de 1960, a artista realiza seus "*Objetos relacionais*", feitos de material simples e ordinário, em busca de um reencontro sensorial entre sujeito e mundo. As duas últimas salas da exposição apresentam trechos de filmes, fotos e documentos que exibem as propostas individuais e os agenciamentos coletivos de Clark, estes últimos fruto das experiências da artista em Paris, onde morou entre 1970 e 1976, ministrando um curso na Universidade Sorbonne. A mostra traz obras como *Pedra e ar* (1966), primeiro objeto relacional desenvolvido pela artista, e a instalação *A Casa é o corpo*, criada para a Bienal de Veneza de 1968, além de registros do seu método terapêutico *Estruturação do Self*.



Descoberta da linha orgânica, 1954

Foto: Divulgação



Canibalismo, 1969

Foto: cópia de exibição



Rede de elástico, 1974

Foto: cópia de exibição

Complementando a exposição, a nova sala de vídeo do museu, inaugurada em 2023, recebe o filme *"O mundo de Lygia Clark"* (1973), de Eduardo Clark, que apresenta uma série de proposições da artista, como *"Canibalismo"*, *"Rede de Elástico"* e *"Diálogo de óculos"*, entre outras.

A exposição será acompanhada por um catálogo publicado em edição bilingue – português e inglês – que reproduz as obras da mostra, além de ensaios escritos por Ana Maria Maia e Pollyana Quintella, Irene V. Small, Tania Rivera, Sabrina Fontenele e Bruna Bonfim Guimarães, assim como uma fortuna crítica: a republicação de textos históricos de Guy Brett, Ferreira Gullar, Mário Pedrosa, Paulo Herkenhoff e Suely Rolnik (Brochura, 28 x 23 cm, 265 páginas).

SOBRE A ARTISTA

Lygia Clark (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1920 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988) é um dos mais importantes nomes da arte brasileira contemporânea – e faz parte de uma geração responsável por ampliar as lin-

guagens, estabelecer vínculos com as questões socio-culturais e engajar todas as pessoas, sendo artistas ou não, na experiência transformadora de criar. Seu trabalho passa do suporte bidimensional a experiências tridimensionais e processuais. Na Pinacoteca, destaca-se a presença da artista na coletiva *Projeto construtivo na arte Brasileira* (1977) e na individual *Da obra ao acontecimento* (2005-2006). A última exposição institucional da artista no Brasil, *Lygia Clark: uma retrospectiva*, aconteceu em 2012, no Itaú Cultural.

SERVIÇO

Lygia Clark: Projeto para um planeta

De 2 de março a 4 de agosto

Pinacoteca Luz (7 salas)

Praça da Luz, 2, São Paulo / SP

Dias/Horários: de quarta a segunda, das 10h às 18h (entrada até 17h)

Gratuitos aos sábados – R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00

(meia-entrada), ingresso único com acesso aos três edifícios – válido somente para o dia marcado no ingresso quintas-feiras com horário estendido B3 na Pina Luz, das 10h às 20h (gratuito a partir das 18h)

pinacoteca.org.br



O vasto espaço pictórico das paisagens abstratas de Mariannita Luzzati

*Individual da artista inaugura
a programação anual da
OÁ Galeria em Vitória, ES*

Nesse verão, "*Um dia*" desponta como presságio para novos acontecimentos nas Artes Visuais em Vitória. Com curadoria da própria artista em diálogo com a galerista Thais Hilal, a exposição inaugural da OÁ Galeria em 2024 reúne obras da produção recente de Mariannita Luzzati, pintora que vive e trabalha entre São Paulo e Londres.



Fotos: Divulgação

Radicada na Inglaterra há mais de vinte anos, a artista trabalha com luzes, sombras, formas abstratas e tons de cores neutras e frias, em sua maioria. Suas obras geralmente são criadas a partir de imagens fotográficas e da desconstrução dessas próprias imagens. Os desenhos surgem como referências para as pinturas. "(...), a artista atingiu o domínio de mostrar a obra sem evidenciar o trabalho. Não existem imposições ideológicas nessas 'paisagens', nem narrativas, pois o que ela nos devolve é pintura.", afirma Paula Terra-Neale, historiadora da arte, pesquisadora e curadora independente que assina o texto crítico para a exposição.

As obras de Mariannita evidenciam os limites da própria pintura enquanto objeto matérico, mesmo que essencialmente encerrem em si um aspecto imaterial. "As formas, nesta obra, não se definem através de li-

nhas, nem de contornos rígidos, e nem são nos dados de imediato. Elas surgem na intensidade dos contrastes e vibrações luminosas que se propagam nos pigmentos e nos demandam um tempo para sua apreciação. A forma está apenas a um passo de se diluir completamente no espaço pictórico. Esses 'corpos' são presenças singulares, silhuetas humanas em estado permanente de aparição", ressalta Paula Terra-Neale.

A análise crítica prossegue fazendo menção direta à artista: "Em suas próprias palavras, essas imagens sugerem que o espectador contemple e reflita sobre o vazio e o silêncio, que é hoje a nossa maior necessidade. Percebemos esse convite como uma delicadeza. Estaria Mariannita nos convidando a um verdadeiro encontro meditativo com a obra para vivenciarmos o silêncio essencial da pintura?"



Fotos: Divulgação

SOBRE A OÁ GALERIA

Inaugurada em 2007 pela galerista Thais Hilal, a OÁ surgiu motivada pelo desejo de valorizar, difundir e contribuir com a construção de um olhar sensível para a arte contemporânea. Sua atuação acompanha o desenvolvimento de artistas visuais e a difusão de suas obras em diferentes propostas e linguagens.

SERVIÇO

Um dia, de Mariannita Luzzati

Até 26 de abril

OÁ Galeria

Av. César Hilal, 1180, loja 9, Praia do Suá, Vitória / ES

Tel.: (27) 99944-5001

Dias/Horários: segunda a sexta (exceto feriados),
das 10h às 19h30

E-mail: contato@oagaleria.com.br | Instagram: [@oagaleria](https://www.instagram.com/oagaleria)

FRANCIS BACON E MÁRIO DE ANDRADE NO MASP



Francis Bacon Foto: John Deakin Archive



Mário de Andrade Foto: Domínio público / Wikipédia

O artista britânico e o autor de Macunaíma estão juntos no MASP, com exposições em sintonia com o ano dedicado à diversidade LGBTQIA+ na instituição

As histórias de Francis Bacon e de Mário de Andrade não se cruzam diretamente, mas o MASP encontra pontos de convergência com a história de vida/obra do artista britânico e do autor que criou o personagem que mais encarna o espírito do brasileiro. Enquanto a mostra de Francis Bacon se debruça sobre

os aspectos que envolvem sua sexualidade, a mostra de Mário de Andrade relata suas viagens pelo Norte e Nordeste brasileiros, para recolher as pegadas musicais mais autênticas – ou, talvez, também para se distanciar de possíveis dúvidas sobre sua sexualidade, em tempos pressionados.

EXPOSIÇÃO MONOGRÁFICA DE FRANCIS BACON

A mostra destaca os aspectos queer que percorrem a obra do artista e a forma como sua sexualidade desponta nos distintos momentos de sua produção



Francis Bacon, *Study for Self-Portrait*, 1981
Foto: Prudence Cumming Associates Ltd

O MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand apresenta, até 28 de julho, *Francis Bacon: a beleza da carne*, mostra que ocupa o espaço expositivo no 1º andar do museu. Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico do MASP e Laura Cosendey, curadora assistente da instituição e com as-

sistência curatorial de Isabela Ferreira Loures, também do MASP, a exposição pretende evidenciar como o artista, com sua pintura inovadora e impactante, abriu caminhos para a presença *queer* na cultura visual.

A mostra cobre mais de quatro décadas de trabalho do irlandês — e reúne mais de vinte obras de Bacon, desde as décadas iniciais de sua produção até os anos 1980 — e é acompanhada de um catálogo com ensaios inéditos. As obras provêm de empréstimos de museus como a *Tate Gallery* (Inglaterra), *MoMA* e *Metropolitan Museum* (Nova York), *Museum Boijmans van Beuningen* (Países Baixos), *Museu Tamayo* (México), *Fondation Beyeler* (Suíça) e *Stedelijk Museum* (Países Baixos), entre inúmeras outras instituições de renome internacional e coleções particulares.

Francis Bacon (Dublin, Irlanda-1909; Madrid, Espanha-1992) é considerado um dos mais importantes pintores da arte do século 20, com mais de seis décadas de produção. Filho de pais ingleses, teve uma infância difícil, em um ambiente familiar violento. Aos dezesseis anos, foi expulso de casa por seu pai e, após passar um período em Berlim e em Paris, fixou-se em Londres a partir dos anos 1930, onde iniciaria sua carreira como artista. Bacon construiu uma obra contundente e marcante, com a qual tornou-se um nome fundamental para a renovação da pintura figurativa.

O artista voltou-se especialmente para as figuras masculinas, seu objeto de desejo, em retratos e nus. A exposição apresenta retratos de homens com quem o artista teve relacionamentos marcantes, como Peter Lacy (1916-1962) e George Dyer (1934-1971), além de outras figuras importantes em sua vida, como seu companheiro próximo John Edwards.

O título da mostra – *A beleza da carne* – faz referência a um relato do artista em uma das entrevistas conduzidas por David Sylvester, crítico de arte e importante interlocutor do artista ao longo de sua carreira. Na entrevista (disponível no YouTube), Bacon conta que, ao se deparar com a vitrine de um açougue, refletiu: “[...] enquanto pintor, devo lembrar que há essa grande beleza na cor da carne. [...] Nós, obviamente, somos carne, somos carcaças em potencial. Quando vou a um açougue, sempre penso que é surpreendente que eu não esteja lá no lugar do animal”.

A fisicalidade do corpo é traduzida pelo artista em texturas espessas e oleosas, que conferem às figuras formas quase abstratas. As pinturas de Bacon reúnem, em si, uma grande variedade de fontes iconográficas, revisitando temas canônicos e combinando referências da história da arte com suas experiências pessoais e percepções sobre o corpo masculino.

“Seja em suas obras iniciais, que muitas vezes transgrediam símbolos da cristandade, ou naquelas que retratavam nus masculinos, a fisicalidade do corpo também é matéria central de sua obra”, analisa a curadora Laura Cosendey. “Essa simbologia da carne,



Francis Bacon, *Two Figures with a Monkey*, c.1973

Foto: Prudence Cuming Associates Ltd

definida por Bacon, condensa em si extremos: o espiritual e o animal, o frescor e a putrefação. É a própria materialidade de nossa existência ‘em carne e osso’, mas também é ícone do desejo carnal, do instinto natural do corpo” - finaliza.

A produção de Bacon acompanha as mudanças significativas da experiência *queer* no contexto social britânico, visto que a prática de atos sexuais entre pessoas do mesmo gênero só foi descriminalizada na Inglaterra em 1967, após a promulgação do *Sexual Offenses Act*. Essas transformações trouxeram desdobramentos significativos para a obra do artista. Ainda



Francis Bacon,
Man at a Washbasin,
c. 1954

Foto:
Prudence Cuming
Associates Ltd

nos anos 1950, Bacon produziu *Two Figures* (*Duas figuras*, 1953) e *Two Figures in the Grass* (*Duas figuras na grama*, 1954), obras que marcam um ponto de inflexão em seu trabalho. Em ambas, dois corpos masculinos em cena se entrelaçam e transbordam as fronteiras do corpo. Essas duplas de figuras, às quais o artista se referia como *couplings* [acasalamentos], poderiam ser confundidas com imagens de lutadores fundindo-se num em-

bate corpo a corpo, o que amplia a ambiguidade das imagens *queer* apresentadas por Bacon.

Se, inicialmente, sua produção foi marcada por uma certa ambiguidade entre o desejo e a violência, em especial nos anos 1950, a presença do erótico e de relações homoafetivas foi pouco a pouco se tornando mais evidente. A obra *Man at a Washbasin* (*Homem*

em um lavatório, circa 1954) também aponta para um vínculo de intimidade a partir de um gesto corriqueiro: uma figura humana arqueada que se debruça sobre a pia. A pintura sugere esse vínculo ao retratar um momento de privacidade no trato com o corpo.

Nos anos subsequentes, Bacon passa a trabalhar com espessas massas de tinta para caracterizar suas pinturas. A visceralidade com a qual o artista retratava esses corpos irrompe na superfície da pele, excedendo seus limites, como se pintasse o avesso da carne. Pinturas como *Two Figures with a Monkey* (*Duas figuras e um macaco*, 1972), que também apresenta um de seus *couplings*, evidenciam esses acasalamentos. “*Aqui, a carnalidade é posta em sua matéria literal, em primeiro plano, mas também transparece na voracidade dos corpos em ação, colocando em cena o embate entre suas figuras entrelaçadas. O ato sexual volta a se mostrar como protagonista*”, explica Cosendey.

Em algumas entrevistas concedidas por Bacon ao longo de sua carreira, o artista comentou como sua vida emocional afetava profundamente sua produção. Sua obra foi impactada por dois relacionamentos turbulentos que marcaram sua vida: Peter Lacy, seu parceiro ao longo dos anos 1950, e George Dyer, que conheceu pouco tempo após a morte de Lacy e tornou-se sua grande inspiração durante os quase dez anos que passaram juntos.

Os homens que o artista amou permaneceram como presenças espectrais em suas pinturas, perdurando

mesmo após o fim dos relacionamentos. Por exemplo, a obra *Study for Three Heads* (*Estudo de três cabeças*, 1962), um de seus primeiros trípticos de menor escala, combina um retrato de Lacy com um autorretrato seu. Após a trágica morte de Dyer, na antevéspera da abertura de uma exposição individual de Bacon em Paris, em 1971, o artista também pintou importantes trípticos dedicados a ele.

Para Laura Cosendey, a vida pessoal do artista marcou significativamente a produção e a compreensão de suas obras: “*A soma da intimidade do artista com a gestualidade expressiva de suas pinceladas é o que dá potência à obra de Bacon, que ainda hoje nos tira o fôlego. Suas imagens nos trazem o vigor da vida, mas também a iminência da morte – essa ambivalência da beleza da carne que, por décadas, impactou os olhos do pintor*” – explica.

SERVIÇO

Francis Bacon: a beleza da carne

Até 28 de julho

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
— 1º andar

Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças grátis, das 10h às 20h

(entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h

(entrada até as 17h); fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link

masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 70 (entrada); R\$ 35 (meia-entrada)

www.masp.org.br

MÁRIO DE ANDRADE: DUAS VIDAS ambivalência a partir de uma perspectiva *queer*

Na mostra, o público poderá conferir um conjunto de 88 obras do acervo pessoal de Mário de Andrade. Musicólogo e profundamente interessado na cultura e nas canções populares, o autor de Macunaíma e ícone do modernismo brasileiro, é um dos escritores mais estudados do país até hoje

O MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand apresenta, até 9 de junho, a mostra *Mário de Andrade: duas vidas*, que ocupa o mezanino localizado no 1º subsolo do museu. Com curadoria de Regina Teixeira de Barros, curadora coordenadora, MASP, e assistência de Daniela Rodrigues, assistente curatorial do MASP, a exposição reúne um conjunto de pinturas, desenhos, gravuras, esculturas e fotografias da coleção pessoal do intelectual brasileiro, ativo na primeira metade do século 20, a partir da perspectiva de uma sensibilidade *queer*. A mostra tem patrocínio da Lefosse e apoio cultural do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

Em sua faceta pública, Mário de Andrade (São Paulo, 1893-1945) foi contista, músico, poeta, professor, romancista, crítico e historiador das artes plásticas, da música e da literatura, além de agente cultural, colecionista e jornalista. Autor de *Pauliceia desvairada* (1922) e *Macunaíma* (1928), participou da *Semana de Arte Moderna* (1922) e dedicou-se a registrar, estudar, preservar e divulgar as mais diversas manifestações culturais do país, tanto eruditas quanto populares. Esteve à frente do Departamento de Cultura e Recreação da Municipalidade de São Paulo (1935-1938) e criou o



Flávio de Carvalho, *Homem*, 1933

Foto: Divulgação



Tarsila do Amaral,
*Retrato de Mário
de Andrade*, 1922
Foto: Eduardo Ortega

Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN (1937), o primeiro órgão do gênero no país.

“Passados quase 80 anos da sua morte, a produção intelectual de Mário de Andrade sobre música, artes visuais e arquitetura, seus romances, contos e poemas, além dos levantamentos etnográficos realizados pelo artista, foram e continuam sendo centrais para a compreensão do modernismo no Brasil e para a construção de uma ideia de brasilidade” – elucida a curadora coordenadora, Regina Teixeira de Barros.

Sob a perspectiva de uma sensibilidade *queer*, a exposição *Mário de Andrade: duas vidas* apresenta um

recorte de 88 obras – entre pinturas, desenhos, esculturas e fotografias – do acervo do intelectual, hoje sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). A mostra reflete sobre itens da sua coleção de artes plásticas e fotografias com as quais conviveu em sua intimidade, longe dos olhos da censura e dos preconceitos vigentes na época. A *“tão falada homossexualidade”* de Mário de Andrade, como foi descrita pelo artista em uma carta enviada a Manuel Bandeira em 1928, tornou-se objeto de estudo somente em 2015, quando todos os seus escritos caíram em domínio público – e sua produção literária começou a ser analisada à luz de suas preferências homoafetivas, um assunto considerado tabu até então.



Mário de Andrade, *Aposta de ridículo em Tefê*, 1927
Foto: Divulgação

A ideia de “duas vidas”, subtítulo desta exposição, aparece em diversos escritos do autor e exalta a dualidade vivida por Andrade, entre a vida profissional e a pessoal. “Mário se qualifica ora como um ‘vulcão controlado’, ora tomado por uma ‘feminilidade passiva’; oscila entre ser um pansexual casto (!) e um monstro libidinoso”, ressalta Teixeira de Barros. Em carta para Oneyda Alvarenga, o intelectual afirma: “Eu sou um ser

como que dotado de duas vidas simultâneas, como os seres dotados de dois estômagos. O que mais me estranha é que não há consecutividade nessas duas vidas”.

O artista registrou, em fotografias, suas viagens ao Norte e Nordeste do Brasil, entre 1927 e 1929. Na série *Tarrafeando* (1927), feita no igarapé de Barcarena, nos arredores de Manaus, os homens estão focados no trabalho, enquanto Andrade capta imagens de seus corpos de costas. Em outro conjunto de retratos, adota uma estratégia diversa: fixa o olhar franco e direto de trabalhadores, como se observa em *Vaqueiro marajoara Tuiuiú* (1927). Visto que a câmera era o único objeto que impedia Mário e o retratado de se olharem mutuamente, a curadora reflete que “o fotógrafo permanece protegido pelo objeto diante de si, impossibilitado de retribuir o olhar, defendido de si mesmo e do próprio desejo”.

A mitologia pessoal de Mário de Andrade também foi registrada em autorretratos, ao longo de sua vida. As imagens de um intelectual que dominava todos os códigos da vida pública heteronormativa contrastam com as fotografias mais espontâneas, como em *Aposta do Ridículo* (1927), captada em um momento descontraído, durante sua viagem ao Amazonas. Essa fotografia revela um homem que podia assumir diversos papéis, já que sabia se divertir e, de fato, performar uma masculinidade *queer*.

A assistente curatorial Daniela Rodrigues constata que, através de seus descritos e das muitas correspondências que manteve, é possível observar o erotismo como

um tema que perpassa a vida e o imaginário do autor sobre o Brasil, que se utilizava de inúmeras estratégias literárias para dizer sem explicitar. *“Não se trata de ler sua produção como autobiográfica, como se tudo remetesse a ele mesmo, mas em alguns textos veem-se vestígios da sua inquietação sobre a sexualidade enquanto tema e vida”*, completa Daniela.

Em relação à sua coleção de arte, a pintura *O homem amarelo* (1915-16), de Anita Malfatti – vista por Mário na famosa exposição de 1917 – inaugurou seu interesse pelas artes visuais. Na ocasião, o poeta profetizou: um dia o quadro seria dele. De fato, comprou a obra na Semana de Arte Moderna, realizada no Theatro Municipal de São Paulo, em 1922. No primeiro artigo que escreveu sobre Anita, em outubro de 1921, descreveu *O homem amarelo* como uma figura fatídica, *“feminilizada por uns olhos longínquos, cheios de nostalgia”*.

Em *Retrato de Mário de Andrade* (1927), Lasar Segall registrou o poeta de frente, captando sua expressão serena em meio aos atributos modernos — como a gravata estampada com losangos e o fundo abstrato-geométrico. Apesar de reconhecê-la inicialmente como *“uma das obras mais admiráveis de seu talento de pintor”*, em carta ao artista, alguns anos mais tarde o romancista mudou de ideia, pontuando que Segall captou o que havia de perverso nele. *“Ambíguo e conflituoso, compreendendo e registrando, como poucos, o que constituía um país tão contraditório, Mário pouco conhecia a si mesmo”*, reitera Daniela.

SERVIÇO

Mário de Andrade: duas vidas

Até 9 de junho

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
— 1º subsolo (mezanino)

— Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, São Paulo / SP
Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças grátis, das 10h às 20h
(entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h
(entrada até as 17h); fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link

masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 70 (entrada); R\$ 35 (meia-entrada)

www.masp.org.br



Capa de *Macunaíma*, de Mário de Andrade

Foto: Domínio público / Wikipédia



Carlos Bunga,
*Construcción
pictórica.
Naturaleza
#13, 2023*
Foto: Flavio Freire

HABITAR JUNTOS, de CARLOS BUNGA: primeira individual do artista no Brasil

Depois de criar uma obra especialmente para a 35ª Bienal de São Paulo (2023) e de ocupar o Palácio de Cristal do Museu Reina Sofia, em Madri (2022), com a intervenção Contra la extravagancia del deseo, o artista português apresenta, na Galeria Nara Roesler São Paulo, trabalhos inéditos e recentes criados no Brasil, além de instalações



Carlos Bunga,
Map #2, 2023
Foto: Flavio Freire

Carlos Bunga nasceu em 1976 no Porto, em Portugal; vive e trabalha perto de Barcelona, na Espanha. A mostra *Habitar Juntos* é acompanhada de texto de Ivo Mesquita – e apresenta elementos-chave da pesquisa do artista que, há mais de 20 anos, tem a pintura expandida como o cerne de sua produção, traçando re-

lações próximas com a arquitetura, a instalação, o vídeo e a performance.

Caixas de papelão e fita adesiva são materiais recorrentes na produção de Carlos Bunga, amplamente utilizados em instalações que conformam espaços híbridos,

suscetíveis de ser modificados – como foi o caso da intervenção “*Mausoléu*”, realizada em 2012, que ocupou o octógono da Pinacoteca de São Paulo; e, mais recentemente, da intervenção “*Contra la extravagancia del deseo*”, que ocupou o Palácio de Cristal do Museu Reina Sofia, em Madri, em 2022.

Na Galeria Nara Roesler, em São Paulo, Carlos Bunga propõe dois trabalhos com esses materiais. Na vitrine da galeria estarão estruturas arquitetônicas construídas com papelão. E ocupando grande parte do espaço expositivo, caixas de papelão dispostas uma ao lado da outra precisarão ser atravessadas pelo público, para seguir o percurso da exposição. O trabalho se baseia na ideia de perda de territórios geográficos e sociais, e se

assemelha a “*Occupy*”, uma recente instalação realizada no Museu de Arte Contemporânea de Toronto, em 2020. A partir desses materiais precários e efêmeros, o público é convidado a ir além da contemplação do projeto, ao percorrer as estruturas e integrar-se a elas.

Em *Habitar Juntos*, o público verá também trabalhos com camadas de cores craqueladas. O artista inscreve camadas de tinta sobre tapetes coletados e tecidos locais, nos quais acabam por se formar não só novas texturas, mas também formas que se assemelham a mapas e cartografias, que podem suscitar questões relacionadas à territorialidade e e ao pertencimento, bastante presentes na pesquisa do artista.

MUNDO POLARIZADO E FRATURADO

A instalação “*Ilhas*”, concebida especialmente para a exposição – na qual uma cortina translúcida na sala mais alta da galeria cria espaços onde estão suspensos alguns objetos que desafiam a noção de gravidade e se aproximam do universo das ideias – é uma das obras escultóricas e instalativas que fazem uso de peças de mobiliário.

Em um mundo polarizado e fraturado, Carlos Bunga nos convida a imaginar o *Habitar Juntos*. O título da mostra também nos fornece pistas para compreender a poética e as temáticas que despertam o interesse do artista. Desde o início de sua trajetória, Bunga tem explorado em seus trabalhos a arquitetura, assim como a ideia de casa e e de domesticidade. Em seu entendimento, a arquitetura não se resume a uma experiência formalista, na qual a forma segue a função. Para ele,



Carlos Bunga, *Map #8 (circular yellow)*, 2023
Foto: Flavio Freire



Carlos Bunga, *Crate Painting*, 2023

Foto: Flavio Freire

espaços, invólucros e estruturas são projetados para abrigar relações entre os indivíduos e suas subjetividades, memórias e sentimentos. A partir dessa ótica, a casa é um espaço privilegiado para se compreender o aspecto humano e “vivo” da arquitetura.

Mesmo em trabalhos de caráter participativo, instalativo e performático, o elemento pictórico está quase sempre presente. De acordo com Bunga, *“A pintura está, direta ou indiretamente, presente em todos os meus trabalhos. É a base do meu pensamento, um lugar multifacetado cheio de camadas, perspectivas e cheiros”*. Esse processo pode ser visto nos trabalhos produzidos recentemente no Brasil, nos quais o artista faz uso de sobreposições de embalagens encontradas, cera de abelha, folhas de vegetação local e tinta acrílica sobre compensado de madeira.

As cores que utiliza em sua produção, ainda que luminosas e vibrantes, têm aplicação descontínua e craquelada, evocando a transitoriedade, que se relaciona profundamente com a natureza e com a experiência

humana, ambas efêmeras. A pintura craquelada em cores vibrantes de Carlos Bunga pôde ser vista recentemente pelo público brasileiro durante a *35ª Bienal de São Paulo – Coreografias do impossível*, na qual apresentou *“Habitar el color”*, obra comissionada site-specific, que convidava os visitantes a uma experiência sensorial de caminhar sobre uma espessa camada de tinta craquelada e sentir, com os pés, a cor e a sua natureza efêmera.

SOBRE CARLOS BUNGA

Carlos Bunga (1976, Porto, Portugal) frequentou a Escola Superior de Arte e Design de Caldas da Rainha, em Portugal. Vive e trabalha atualmente perto de Barcelona, Espanha. Cria obras em vários formatos: esculturas, pinturas, desenhos, performances, vídeo – e sobretudo instalações *in situ*, que se relacionam e intervem no espaço arquitetônico em que se inserem.

O trabalho de Bunga com papel e fita adesiva envolve um grau altamente desenvolvido de cuidado estético e delicadeza, assim como uma complexidade conceitual

derivada da interrelação entre o fazer e o refazer, entre o micro e o macro, entre a investigação e a conclusão.

Suas obras, enganadoramente delicadas e frágeis, caracterizam-se por um intenso estudo da combinação da cor e da materialidade, ao mesmo tempo em que enfatizam o aspecto performático do ato criativo. As obras sobre papel de Bunga, intimamente relacionadas com suas esculturas e instalações, envolvem frequentemente sobreposições; o resultado, como uma dupla exposição fotográfica, mimetiza a dupla experiência da memória e da imaginação subjacente à escultura.

O artista vem realizando exposições individuais desde 2002, além de produzir obras comissionadas e partici-

par de coletiva sem vários países. Obras suas estão presentes em grandes coleções, como a do MoMA (Nova York), no MACBA (Barcelona) e no Museu Calouste Gulbenkian (Lisboa).

SERVIÇO

Carlos Bunga – Habitar Juntos

Até 20 de abril

Nara Roesler, São Paulo

Avenida Europa, 655, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2039-5454

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h

sábado, das 11h às 15h

Entrada gratuita

info@nararoesler.art

<https://nararoesler.art/>



Carlos Bunga,
Map #5,
2023
Foto:
Flavio Freire



Carlos Bunga,
Free Standing
Painting #63
[Exempt
painting],
2023
Foto: Flavio Freire

George Love,
Revista
Bondinho
1971



Amor à arte, às gentes e à vida
GEORGE LOVE: ALÉM DO TEMPO
abre a programação do MAM SP 2024

George Love,
Yanomami
1974



Com curadoria de Zé De Boni, George Love: além do tempo é a primeira grande mostra desde o falecimento do artista e reúne mais de 500 fotografias.

O conjunto abarca seleção do arquivo deixado por Love – e conservado pelo curador, que também foi seu amigo – e objetos relevantes de sua história

George Leary Love (1937-1995), fotógrafo afro-americano que desenvolveu uma trajetória extremamente prolífica no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980, terá uma retrospectiva de sua obra exibida no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em cartaz até 12 de maio, a exposição *George Love: além do tempo* tem curadoria do pesquisador e fotógrafo Zé De Boni, a quem Love confiou parte de seu arquivo e documentos relevantes de sua história. Esta será a primeira grande mostra póstuma do artista.

A retrospectiva abarca um conjunto de mais de 500 fotografias, entre novas impressões e originais de época. E traça uma linha do tempo que remonta a um período que vai desde antes do artista vir para o Brasil até sua morte, em 1995.

O curador explica que optou por dividir a mostra em 20 núcleos, como se o espaço expositivo sediasse 20 indivíduos de Love – cada uma se debruçando sobre uma temática ou uma época. Os setores consideram também os lugares onde George Love viveu, no decorrer de sua carreira: primeiro em Nova York, depois em São Paulo, onde chegou e se instalou em 1966 – com direito a uma escapada até o Rio de Janeiro – e depois o retorno em Nova York, após 20 anos no Brasil, e a volta a São Paulo, nos seus últimos anos de vida.



George Love, *Greve cidade sul dos EUA*, 1965

Nascido em 1937 na cidade de Charlotte, na Carolina do Norte (EUA), George Leary Love veio de uma família simples e culta. A fotografia apareceu em sua vida de maneira inesperada e ele desenvolveu o ofício de maneira autodidata. Formado em Matemática e em Filosofia da Arte, só veio a se descobrir como fotógrafo no período em que viveu na Indonésia, onde o pai trabalhava no serviço diplomático. Na volta ao seu país,



George Love, *Nova York*, entre 1988 e 1990

morou em Nova York, onde iniciou uma carreira bem-sucedida na fotografia.

George Love participou de um grupo de vanguarda chamado *Association of Heliographers*, do qual chegou a ser vice-presidente. O grupo nova-iorquino tinha como membros nomes importantes da fotografia estadunidense – e, no início da década de 1960, atuava com pioneirismo, ao dispor de um espaço para exposição dos trabalhos de seus integrantes, observado com atenção pelos críticos da época. Além disso, foram precursores na comercialização de fotografias coloridas, o que era visto como tabu na época.

Também durante os anos 1960, Love se envolveu com o grupo *Student Nonviolent Coordinating Committee*, conhecido pela sigla SNCC e formado em grande parte por estudantes negros, que promoviam protestos e ações diretas contra a segregação étnico-racial nos Estados Unidos. Essa questão, porém, quase não aparece na obra do fotógrafo. Love realiza alguns registros que se aproximam de um resgate da ancestralidade, que inclui fotografias de sua família e também alguns breves registros do bairro do Harlem, em Nova York, conhecido por ser reduto da cultura afro-americana.



George Love, *Imagens do livro São Paulo, anotações*, 1982

George Love deixou grande parte de seu acervo e de seu arquivo com Zé De Boni; outra parte ficou nos Estados Unidos com sua ex-companheira, Barbara Livesey, que doou esse material à Universidade da Carolina do Norte em Charlotte (*University of North Carolina in Charlotte*), cidade natal do fotógrafo, no início dos anos 2000. O curador levou anos trabalhando no material, diante da necessidade de identificar e de interpretar documentos e fotografias que recebeu precariamente agrupados, para oferecer ao público uma visão mais clara e organizada. Durante a pandemia o trabalho foi intensificado e o resultado é essa exposição.

De Boni baseou sua pesquisa no seu íntimo conhecimento da atuação de George Love, uma vez que foi o raro curador de uma exposição do artista nos tempos áureos. E também fez entrevistas com pessoas que conviveram com o fotógrafo. Os documentos e cartas trazem detalhes marcantes, desconhecidos até para os mais íntimos, e as revelações dão um colorido especial à interpretação do trabalho do autor e de sua personalidade.

Pioneiro e inovador, George Love esteve sempre na vanguarda e é considerado, por seus pares, como alguém

que estava à frente de seu tempo. A partir desse sentimento, surgiu o nome da exposição. Além disso, o fotógrafo tinha um certo mistério em torno de si, pois pouco se sabia de onde veio e sobre o destino que tivera.

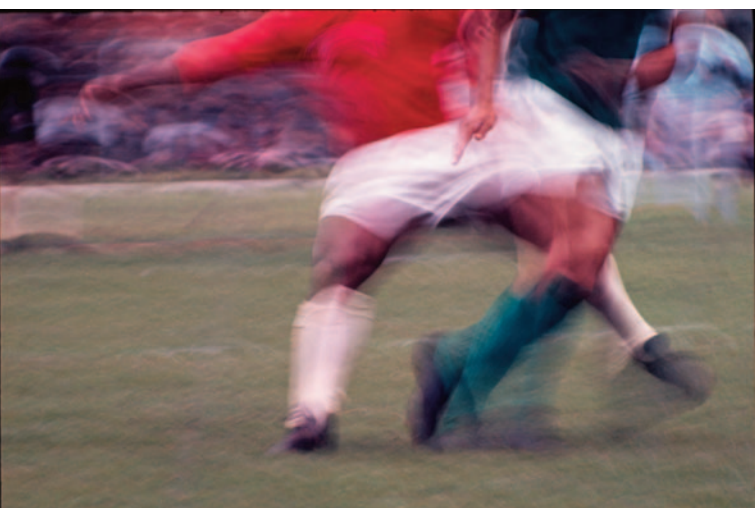
“Desde que estou com esse acervo, tenho essa preocupação de tornar tudo isso acessível a pesquisadores, estudiosos, estudantes e público. Principalmente porque era essa a vontade do George, e foi isso o que ele me confiou”, comenta Zé De Boni. Para o curador, a realização da exposição no MAM representa um passo significativo para a preservação da obra e da memória de George Love, ao mesmo tempo em que celebra a relevância do fotógrafo.

Segundo Cauê Alves, curador-chefe do MAM, *“Em uma época em que a crise climática está cada vez mais evidente, a mostra George Love: além do tempo chama atenção para o olhar visionário e atual do artista, assim como para questões ambientais urgentes. O MAM possui um dos acervos de fotografia mais relevantes do país; a mostra do George Love contribui não apenas para sua difusão, em especial num recorte pouco estudado, como também para a construção de uma história da fotografia mais diversa.”*

GEORGE NO BRASIL

George Love conheceu Claudia Andujar durante uma das viagens da fotógrafa para os Estados Unidos. Convidado por ela, veio ao Brasil em 1966 e viveram juntos por oito anos. George contava, de forma anedótica, que não sabia o que vinha fazer no país, incerto em relação ao que o mercado brasileiro oferecia para o tipo de fotografia mais artística à qual se dedicava. Caiu nas graças de pessoas importantes, que o incentivaram bastante. Entre essas pessoas estavam Pietro Maria Bardi, fundador do MASP, e Roberto Civita, na época presidente do Grupo Abril.

A Abril procurava fotógrafos criativos para colaborar com suas publicações jornalísticas e o portfólio de George chamou a atenção dos *publishers*. O próprio Roberto Civita, inclusive, viria a convidá-lo, de maneira um tanto inusitada, para fotografar esportes – categoria nunca antes explorada pelo fotógrafo. Isso o provocou a agir “fora da caixa” – e o resultado impressionou a todos. Neste âmbito destacaram-se, em particular, as contribuições de George para a revista *Realidade*, veículo que deixou uma marca significativa na imprensa brasileira por suas reportagens aprofundadas.



Neste mesmo período, no início dos anos 1970, ele e Claudia Andujar foram convidados por Pietro Maria Bardi a realizar diversas atividades sobre a fotografia no MASP. Ali promoveram exposições pioneiras, desfrutando de toda a liberdade de pensamento e de execução de projetos que lhes foi conferida. Em paralelo, Love começou a atuar de maneira comercial, investindo na área de fotografia corporativa; e teve, como alguns de seus principais clientes, a Olivetti, a Eletrobrás e a Eletropaulo, sempre em trabalhos com exuberância criativa.

A AMAZÔNIA

Já na sua chegada ao Brasil, George Love empreendeu uma viagem à região do povo Xikrin, no Pará, com Claudia Andujar. Numa edição especial, a *Realidade* os levou de volta à Amazônia – e o seu resultado marcante deu início a uma dedicação aprofundada dos dois fotógrafos à região. De Boni aponta uma “ética” acordada pelos dois fotógrafos, que estabelecia que o trabalho com as comunidades indígenas seria feito por Claudia, enquanto George se dedicaria mais à paisagem. Esses registros culminaram no fotolivro *Amazônia*, uma celebração visual e narrativa da diversidade cultural e da conexão íntima entre as comunidades indígenas e o meio ambiente.

Para George, a experiência de fotografar a região era marcada por uma dimensão onírica em imagens aéreas, dada a vastidão e a exuberância de sua biodiversidade. Em reminiscência ao seu trabalho, chegou a expressar que a infinitude da Amazônia era algo impossível de ser capturado por uma câmera, mas que, contudo, era algo possível de ser sonhado.

George Love,
revista *Realidade*, 1967



George Love, *Sobre o rio Negro*, do livro *Amazônia*, obra publicada em 197, foto registrada em 1971

Outro trabalho destacado do fotógrafo foi resultado de sua interação com a cidade que adotou. O trabalho foi publicado no livro *São Paulo: Anotações*, também aclamado pelos críticos.

Era com a paisagem amazônica, porém, que o artista celebrava sua identificação. E este é o grande destaque da exposição. De Boni ainda aponta o livro *Service Order 8696*, que George considerava seu “autorretrato” – o que seria repetido em seu livro póstumo *Alma e Luz*. Esses e outros fotolivros estarão também em exibição na mostra do MAM São Paulo, assim como uma

entrevista inédita, gravada em vídeo pelo próprio curador, em 1993.

SERVIÇO

George Love: além do tempo

Até 12 de maio

Museu de Arte Moderna de São Paulo – Sala Milú Villela
Parque Ibirapuera – Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, acesso pelos portões 1 e 3, São Paulo / SP – Tel. : (11) 5085-1300
Dias/Horários: terça a domingo, das 10h às 18h (com a última entrada às 17h30)

Ingressos: R\$ 30,00 inteira e R\$ 15,00 meia-entrada. Aos domingos, a entrada é gratuita e o visitante pode contribuir com o valor que quiser.

Para ingressos antecipados, acesse mam.org.br/visite

ESTAMOS DIANTE DO "FIM DO MUNDO"?
OU SE TRATA DO "FIM DO MUNDO" COMO O CONHECEMOS,
PENSAMOS E IMAGINAMOS HÁ SÉCULOS?

SIGNOS NA PAISAGEM NO CCBB RIO DE JANEIRO



Matilde Marín, *Itinerario hacia el paisaje*



Matilde Marín, *Radal*

Última sede da itinerância da BIENALSUR 2023 no Brasil, o CCBB Rio apresenta, a partir de 20 de março, “Signos na Paisagem”, mostra que reúne os olhares de vários artistas de diferentes origens sobre o impacto que as ações humanas vêm promovendo no planeta. Em sua quarta edição, a BIENALSUR se caracteriza como o evento cultural mais extenso do mundo

Um dos exemplos notáveis da exposição é um vídeo gravado pela artista argentina Gabriela Golder, no Cerro Mariposa (Valparaíso, Chile), que mostra a devastação provocada por um incêndio de enormes proporções, em 2015. A obra já dá uma medida da real temperatura da arte contemporânea e engajada nas mais variadas questões que envolvem o planeta.

Considerando latitudes e longitudes, a quarta edição BIENALSUR passou por 28 países e mais de 70 cidades de cinco continentes, o que representa 18.730 km de arte contemporânea da melhor qualidade.

Signos na Paisagem reúne, no CCBB, obras de Rochelle Costi e Dias & Riedweg (BRA); Gabriela Golder e Matilde Marín (ARG); Stephanie Pommeret (FRA); Alejandra González Soca (URY); Gabriela Bettini (ESP); Sara Abdu, Zhara Al Ghamdi e Hatem Al Ahmad (SAU). Os trabalhos problematizam a experiência de vida contemporânea e têm como chave, em sua maioria, a questão do meio ambiente.

“Uma das premissas do trabalho da BIENALSUR é explorar o panorama artístico internacional por meio de uma convocatória livre e horizontal, que realizamos



Gabriela Golder,
Tierra quemada

para cada edição. A partir deste chamado, surgem os temas principais sobre os quais trabalhamos, assim como um conjunto de projetos de artistas de diferentes contextos culturais, que são selecionados para ser incluídos nas diversas exposições e intervenções realizadas simultaneamente em cada edição do evento”, explica Diana Wechsler, Diretora Artística da BIENALSUR.

Da última chamada aberta surgiu o tema dominante que orienta a seleção de artistas nesta exposição. A experiência vital contemporânea é problematizada em todas as obras; em algumas delas, a questão ambiental é fundamental. *“De diferentes maneiras, nosso olhar sobre o ambiente natural – antes identificado entre as disciplinas artísticas convencionais simplesmente como paisagem – é urgente e exige atenção. Há séculos sabemos que as sociedades humanas vêm modificando a natureza por meio da extração de recursos, o que gera um grande impacto no planeta”*, diz a curadora.

O QUE VOCÊ VAI VER NA EXPOSIÇÃO

A observação do entorno próximo durante o período de isolamento social entre 2020 e 2021, devido à pandemia, foi o ponto de partida para as observações de Rochelle Costi (BRA), o que a levou a desenvolver sua série *“Casa & Jardim”*. As fotos de *“Jardim”* registraram insetos encontrados na área externa de sua casa/ateliê (localizada a 4 km do centro da cidade de São Paulo). O trabalho não foi apenas uma observação, mas também uma 'provocação', pois incorporou à 'paisagem' do jardim doméstico placas de plástico em relevo que criaram uma topografia – na tentativa de imitar a natureza e, ao mesmo tempo atrair e causar estranheza

nos insetos, ao alterar seus comportamentos habituais. A série exhibe o contraponto do que a comunidade global estava passando naquela época, quando as rotinas e paisagens cotidianas estavam sendo alteradas e a sensação de estranhamento dominava a sociedade. Este foi o último trabalho da artista, falecida em novembro de 2022.



Rochelle Costi, *Casa & Jardim*

Em uma linha de reflexão semelhante, o trabalho de Dias & Riedweg (BRA) – a série *“Silêncio”*, composta por 16 fotografias digitais, observa as marcas no ambiente urbano e adota um tratamento formal dessas fotografias que remove o volume e a cor, deixando apenas as linhas e se aproximando da imagem de uma gravura em metal. Esta estratégia escolhida para de-

safiar o olhar é um convite para descobrir, através de pequenos detalhes, a anomalia, o estranho, o que se torna alheio a uma narrativa visual convencional. Por meio destas imagens produzidas em 2020, os artistas destacam a questão do risco latente e o aviso de que algo se perdeu.



Dias & Riedweg, *Silêncio*

A abordagem de Gabriela Golder (ARG) em “Tierra Quemada” também evidencia momentos de marcas e perdas. O vídeo (2015), gravado no Cerro Mariposa (Valparaíso – Chile), observa a área devastada pelo incêndio: casas e fauna queimadas por um fogo que, segundo depoimento de um morador, “*era tão alto como se o mundo estivesse prestes a acabar. A terra queimou*”. A convivência entre as intervenções humanas e a natureza expõe suas tensões, e a sensação de saturação, de ‘fim do mundo’, emerge.

De uma perspectiva diferente, Matilde Marín (ARG) aborda sua série “*Temas sobre a Paisagem*” – fo-

tografias que, em seu formato extremamente panorâmico, captam a sensação de infinitude experimentada nesses espaços, criando faixas de atmosferas inesgotáveis, linhas e fugas de luz que se tornam imagens cativantes de um momento efêmero, que resgata o conceito de beleza na paisagem, assim como seus limites. O ponto de vista escolhido pela artista é, ao mesmo tempo, sua marca registrada e a marca de sua presença latente.

Já Gabriela Bettini (ESP) traz para a mostra *Paisagens Brasileiras – Pernambuco/Maranhão*, realizadas a partir das obras de Frans Post, pintor barroco holandês que trabalhou as paisagens do Brasil e as levou para a Europa. A artista é conhecida por suas pinturas hiper-reais, que se aproximam da estética da fotografia de arquivo. A memória pictórica de Bettini, rica em referências visuais, resulta em obras que não apenas remetem à questão colonial, mas também às disputas identitárias que ocorreram e ocorrem nesses espaços lidos, *a priori*, como “paradisiacos”.



Gabriela Bettini,
Paisagens Brasileiras – Pernambuco/Maranhão



Hatem Al Ahmad, *To Speak in Synergy*

Hatem Al Ahmad (SAU), por sua vez, resgata em sua vídeo-performance *“To Speak in Synergy”*, junto aos membros da comunidade de Abha (SAU) uma técnica de cuidado antiga, que tende a fornecer certos elementos às árvores em seus processos vitais, ao mesmo tempo em que contribui para sua proteção contra mudanças de temperatura ou contra alguns insetos, por exemplo. Através da ação dos corpos na paisagem, o artista expõe práticas e conhecimentos tradicionais, atualizando-os. Hatem afirma: *“O sentido prolongado da temporalidade da performance oferece um reconhecimento das histórias e dos corpos que moldaram e habitaram o passado, assim como da racionalidade de nossos futuros”*.

A questão das relações com recursos do passado, com o tempo e com a forma como ele nos interpela, aparece reinterpretada como um cenário fictício na obra de Zara Al Ghamdi (SAU), *“Echo of the past”*. É uma instalação com seiscentas peças de blocos de areia e de argila fabricados – que busca expressar, através do resgate de técnicas antigas de construção, as formas pelas quais o tempo afeta a existência. As rachaduras visíveis nessa orografia imaginária estariam revelando o colapso dos arquétipos tradicionais – ou, pelo menos, tensionando as tradições ancestrais vernáculas com um presente que as altera.



Zara Al Ghamdi, *Echo of the past*

Foto: Divulgação

Em uma dimensão diferente, a instalação *“Moebius”*, de Alejandra Gonzalez Soca (URY), tem como objetivo “cultivar o vazio”. Segundo a artista, *“convivem dois tempos de um mesmo rosto para gerar uma matriz de eventos em que a germinação e a ação performática modificam constantemente a peça e, portanto, as possíveis relações com ela”*. *“Moebius”*, continua a artista, *“aspira a criar um espaço quase ritual, que questiona a ideia de um sujeito autoconsciente e seguro de si mesmo, a partir de uma vulnerabilidade assumida e oferecida. Um evento cíclico e efêmero, no qual o que acontece, de alguma forma, evidencia a mínima distância entre os processos de construção e destruição”*. A obra da artista se modifica ao longo da exposição.



Alejandra Gonzalez Soca,
Moebius Foto: Divulgação

“Unir a ecologia, a conservação da natureza e a arte permitem um diálogo de ideias que vai além das culturas. É necessário aproximar esses mundos e, assim, abrir o campo de possibilidades para ativar um novo imaginário de colaboração”, afirma a artista Stéphanie Pommeret (FRA) – que desenvolve, em sua série de fotografias “Tous Migrants”, uma síntese poética possível, na qual explora as maneiras como nos relacionamos como 'migrantes' com nosso ambiente. Este projeto, realizado na reserva natural da baía de Saint-Brieuc, levou a artista a uma longa observação, que resultou na operação de apropriação das fotografias naturalistas de Alain Ponsero, combinadas com suas próprias imagens, o que serviu para reivindicar “a hospitalidade como o único ambiente que favorece o futuro de nossa espécie”. Descobrir o mundo do outro, conhecer seus conhecimentos, sentir sua sensibilidade, é algo que desencadeia um novo olhar sobre nosso próprio horizonte.

Sara Abdu (SAU) nos oferece, em *“Anatomy Of Remembrance”*, um conjunto de paisagens imaginárias que procedem do seu interesse em explorar as qualidades indiciais de sentidos distintos da visão. Com base nas



Stéphanie Pommeret, *Tous Migrants*



Sara Abdu, *Anatomy Of Remembrance*

Foto: Divulgação

memórias olfativas, a artista resgata sua imediatez para evocar uma imagem mental do passado e suas emoções, o que resulta em cartografias psicogeográficas suspensas, com as quais Abdu explora o lugar ou 'loci' da memória dentro de nós – e cria um ambiente particular, ao enfrentar essas topografias do passado.

SOBRE A BIENALSUR

Uma ampla proposta de arte, cultura e pensamento contemporâneo que rompe com a ideia de geografia estabelecida, ao criar uma grande rede de unidades autônomas em torno do evento – que tem o seu quilômetro zero no Museu da Imigração, em Buenos

Aires, e se estende por mais de 18 mil km, até Tóquio, no Japão, na Universidade Nacional de Belas Artes e Música.

Criada pela Universidade Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), na capital argentina, a BIENALSUR nasceu com o propósito de buscar outras dinâmicas para a arte e para a cultura, fazendo chamadas abertas a curadores e artistas de todo o mundo, sem temas pré-determinados.

“A BIENALSUR prova que a arte é a melhor ferramenta para superar as fronteiras políticas e identitárias que colocam em tensão as relações internacionais”,

comenta Aníbal Jozami, sociólogo que idealizou a BIENALSUR junto com a historiadora e curadora Diana Wechsler. Ambos são acadêmicos – respectivamente, Reitor Emérito e Vice-Reitora da Universidade Nacional de Tres de Febrero, universidade pública da Argentina.

A primeira edição do evento foi realizada em 2017, com a participação de mais de 400 artistas em pelo menos 80 espaços em 34 cidades de 16 países. Em 2019, o mapa foi ampliado para 112 áreas em 47 cidades de 21 países; em 2021, apesar da pandemia, aconteceu em 120 locais, em 48 cidades de 24 países da América, da Ásia e da Europa. Mais de 1.800 artistas de todo o mundo participaram das três primeiras edições do

evento. Em março será lançada a convocatória para artistas e curadores que queiram participar da BIENALSUR 2025, no endereço:

<https://bienalsur.org>page>convocatoria-abierta>

SERVIÇO

Signos na Paisagem

De 20 de março a 13 de maio

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro /RJ

Informações: (21) 3808-2020 | ccbbrio@bb.com.br

Funcionamento: De quarta a segunda, das 9h às 20h

Fechado às terças-feiras

Classificação indicativa: livre

Entrada gratuita

Ingressos disponíveis na bilheteria física ou pelo site do

CCBB – bb.com.br/cultura



BIENALSUR

2023

CINCO BONS MOTIVOS PRA NÃO CALAR



Alex Frechette, *Manifestação contra a tentativa de golpe de 2023 na Cinelândia-RJ em janeiro de 2024*, detalhe

Foto: Guidi Vieira

A mostra CINCO CONVITES A UM LEVANTE, que Alex Frechette inaugura em 2 de março no MAC/Niterói, apresenta leituras recentes e ampliadas de manifestações populares que testemunhou, em três países da América do Sul: Brasil, Chile e Argentina

A falta de energia elétrica recorrente em Niterói, após períodos de chuva; o protesto, na Cinelândia, contra a tentativa de golpe de Estado ocorrida em 8 de janeiro de 2023, em Brasília; uma demonstração de solidariedade à Palestina em Santiago do Chile, país reconhecido por abrigar a maior comunidade palestina fora do Oriente Médio; os apelos por justiça no centro do Rio de Janeiro, após o assassinato, no Amazonas, de Julieta Hernández, artista circense e cicloativista venezuelana, a *Miss Jujuba*, que tanto alegrava as crianças por onde passava; e as agitações sociais na Argentina, após as recentes mudanças econômicas e políticas.

Cada uma dessas manifestações foi retratada por Alex Frechette em obras de 5 metros por 1,60 metros – que são como gritos que refletem a busca por justiça e equidade e o movimento das pessoas, no sentido de não “deixar barato” o arbítrio e o desrespeito pelo próximo. São obras que convidam os espectadores a encarar o presente por meio de uma poética que inspire ações transformadoras, capazes de realizar mudanças concretas e, muitas vezes, radicais na sociedade.

Cinco convites a um levante não se limita, apenas, a documentar artisticamente esses eventos ativistas recentes; também instiga os espectadores a uma reflexão

Alex Frechette, *Manifestação PróPalestina em Santiago do Chile em novembro de 2023*, detalhe

Foto: Guidi Vieira





Alex Frechette, *Greve geral na Argentina em janeiro de 2024*, detalhe

Foto: Guidi Vieira

crítica sobre os discursos políticos e sociais que emergem dessas manifestações, além de explorar as relações entre arte e ativismo.

Na opinião de Lílían do Valle, professora e coordenadora adjunta do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Alex Frechette é um artista que se interessa por um cotidiano específico das cidades; não aquele das fotos dos jornais, que parecem convocar a indiferença. E cita a fotógrafa e ensaísta norte-americana Susan Sontag: “A pessoa pode habituar-se [à violência] da vida real e à crueldade de certas imagens”.

Segundo Lílían, o cotidiano retratado por Frechette também não é nada romancado, do tipo que busca na estética o “conforto” que os dias não trazem; ou que abra uma distância consoladora, ainda que imaginária, em relação às situações da vida diária que nos ferem, angustiam, revoltam e emudecem. Para ela, as cinco obras expostas falam de um cotidiano urbano tal como é: um movimento constante, que as páginas do noti-

ciário ou nossas idealizações são incapazes de refletir.

– *Na cidade, por trás da bela harmonia arquitetônica já desafiada por tudo e todos deixados de lado, para além da circulação dos carros e da violência desordenada do poder, emerge o dissenso: protestos que não cabem nos registros fotográficos nem nas memórias reconciliadoras* – lembra Lílían.

– *Alex Frechette nos oferece aqui um diário em imagens; suas memórias, que exploram em cores de sensibilidades e texturas, sons, imagens, odores, toques, e sabores que criam superfícies mais ou menos delineadas conforme as relações dos corpos – que retratam as lutas e as dores, mas também a alegria do estar-junto. E não é mesmo assim que a cidade é para nós?* – conclui Lílían.

SERVIÇO

Cinco convites a um levante, de Alex Frechette

De 2 de março a 12 de maio

Varanda do Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, Niterói / RJ

Dias/Horários: de terça a domingo, das 10h às 18h

Ingressos: inteira R\$ 16, meia-entrada R\$ 8

Em Maricá, um futuro com conexões, imagens, arte e em paz com o planeta

Fotos, imagens, ações educativas e muita informação sobre o futuro dos nossos ecossistemas são as marcas da expo CONEXÕES: O FUTURO, com selo carbono neutro, que estará na Praça da Matriz, em Maricá, até 24/3

Mata Atlântica

Foto: Tupungato / Depositphotos



Com destaque para as paisagens da região serrana do Rio e da Baía de Guanabara, a nova edição da exposição *Conexões: O Futuro* – montada em contêineres marítimos reutilizados – reúne imagens, fotografias, pequenos documentários, oficinas de arte e muito mais. A exposição é 100% gratuita e chega a Maricá depois de passar por Teresópolis e Niterói. Todo o projeto da exposição é certificado com selo carbono neutro – ou seja, garantia de uma atividade com geração com plena compensação das emissões de carbono.

A exposição, que faz parte das comemorações dos 50 anos da Ponte Rio-Niterói, apresenta um olhar histórico sobre o Rio de Janeiro e provoca reflexões sobre o futuro e o impacto de nossas ações sobre o território. Os visitantes terão acesso a uma cronologia da construção da Ponte Rio-Niterói, inaugurada em 1974. A ponte, aliás, é uma conexão que, antes de sua existência, esteve muito presente no imaginário da população fluminense, que tanto ansiava por ela.

Sem pagar nada, o visitante faz uma viagem no tempo, passando pela história da fundação do Rio de Janeiro. O enredo dessa jornada integra a história, os ecossistemas, as interferências do homem em todo esse território e a influência dessas ações em nosso presente e no futuro.

Várias atividades integram a exposição: oficinas de artes visuais; mostra de filmes ao ar livre, em parceria com o Canal Curta!; uma viagem com realidade virtual, que possibilita sobrevoar a Ponte Rio-Niterói e conhecer sua estrutura por dentro; e ainda um super

game interativo, para que o visitante possa testar seus conhecimentos de uma forma muito divertida.

A Mostra *Curta!Educação* acontece de terça-feira a domingo, a partir das 17h30 – e traz filmes que se relacionam com os nove eixos temáticos da exposição: *Modernidade, História, Paisagem, Território, Cotidiano, Ponte Rio-Niterói, Construções, Ecossistemas e Mobilidade*.

IMAGENS, HISTÓRIA E MEMÓRIA

A exposição tem um conteúdo cultural vivo e interessante, que inclui belas imagens da Região Serrana e da Baía de Guanabara, além de informações históricas e memórias da cidade do Rio de Janeiro – sem esquecer a fauna e a flora presentes no território, os símbolos culturais que marcaram a história da civilização e as conexões da vida em sociedade.



Parque Nacional da Serra dos Órgãos Foto: Fabiano Teixeira / iStock

Uma equipe educativa preparadíssima estará presente no local, para recepcionar o público visitante – que terá

acesso a experiências imersivas, oficinas de arte e atividades interativas, que oferecem aprendizado e entretenimento ao mesmo tempo. Às sextas-feiras haverá atendimento em LIBRAS e visitas de grupos escolares, que devem ser agendadas previamente. E mais: no site www.projetoconexoes.com.br, professores e alunos podem baixar, gratuitamente, materiais desenvolvidos especialmente para eles.

AÇÕES EDUCATIVAS

Oficinas de arte. A exposição oferece, no local, oficinas de artes visuais para públicos diversos. Em especial, foram elaboradas atividades para professores e alunos, disponibilizadas também em ambiente online, com acesso gratuito.

Aulas interativas. Os professores poderão usar toda a infraestrutura da exposição para oferecer aos seus alunos, uma aula interativa incrível! As fichas de atividades e sequências didáticas podem ser acessadas previamente no site; assim, professores e alunos serão convidados a interagir com a exposição antes mesmo de programar a visita, mergulhando na história e nos temas relevantes que envolvem o futuro do nosso planeta.

Visitas de grupos. O agendamento das visitas de grupos deve ser realizado pelo e-mail educativo@projetoconexoes.com.br, com o envio das informações do grupo, como a pessoa responsável, número de participantes, nome da escola etc.

Curso de fotografia no celular. Online e gratuito, o curso *Fotografando com seu celular: noções básicas de*

fotografia, sob a coordenação de Davilym Dourado, fotógrafo e artista visual, vai ensinar o participante como aproveitar melhor a tecnologia do seu celular para produzir melhores fotografias. O conteúdo reúne, ainda, informações sobre questões técnicas e de linguagem, além de dicas práticas para tirar o melhor proveito da máquina fotográfica e do pequeno estúdio que temos à disposição em nossos celulares.

PARA VER NA EXPOSIÇÃO

Viagem com realidade virtual. Com ajuda da tecnologia de realidade virtual, é possível sobrevoar a Ponte Rio-Niterói e conhecer sua estrutura por dentro.



Foto: Sergio Marien

Game interativo. Após visitar a exposição, o público poderá participar de um game interativo e testar seus conhecimentos de forma divertida.

Mostra Curta!Educação. Mostra de filmes ao ar livre, em parceria com o Canal Curta!, todos os dias, a partir das 17h30.

A EXPOSIÇÃO É UM EVENTO CARBONO NEUTRO. COMO É ISSO?

O que significa ser um evento carbono neutro? Significa que todas as emissões de gases de efeito estufa (GEE) geradas pelo evento são compensadas, de forma que o saldo líquido de emissões seja zero.

Várias atividades relacionadas a um evento podem gerar emissões de GEE: consumo de energia elétrica; transporte de pessoas (equipe, artistas, visitantes) e equipamentos; produção de materiais; consumo e gestão de resíduos, entre outros itens.

Para tornar a expo *Conexões* um evento carbono neutro, foi preciso seguir algumas etapas importantes: avaliar as emissões de carbono a serem geradas pelo evento, considerando todas as fontes de energia relevantes; e implementar medidas para reduzir essas emissões.

Como foram reutilizados contêineres para montar o espaço da expo, eliminou-se a necessidade de utilizar novos materiais para essa finalidade; isso poupa energia e consumo de materiais.

Depois de definir a redução possível das emissões, foi desenvolvido um projeto específico para compensar o saldo de emissões que não foi possível eliminar.

SERVIÇO

Conexões: O Futuro

Até 24 de março

Praça Orlando de Barros Pimentel,
Praça da Matriz de Maricá, Maricá / RJ

Horário de visitação: das 10h às 19h

Exposição aberta à visitação gratuita

Link com fotos das obras:

<https://postimg.cc/gallery/f3J618g>



Foto: Gisele Pennella

Vertigens do Rio: trabalhos de 12 artistas refletem a cidade

ESSA CIDADE 'SEMPRE' MARAVILHOSA, na Galeria Nara Roesler, fala de vários aspectos do Rio de Janeiro, na visão de doze artistas selecionados pelo curador Theo Monteiro

Jaime Lauriano, *Pedras portuguesas #16 (Valongo)*, 2023

Foto: Rafael Salim



VALONGO

Aspectos como a paisagem, o lazer, a violência, a sexualidade e o sagrado, apropriados por doze artistas, contam muito sobre a Cidade Maravilhosa, “essa metrópole que desempenha papel decisivo na formação cultural e política do país”, segundo o curador Theo Monteiro, que se inspirou numa fala do compositor Ismael Silva, gravada em 1973, para o título da exposição: *Essa cidade ‘sempre’ maravilhosa*. Um leve tom jocoso é percebido nessa fala do artista, ao se referir à cidade, na introdução da canção *Antonico*, um clássico do artista, incluída no álbum “*Se você jurar*”.

*“Meu nome é Ismael Silva.
Nasci em Jurujuba, em Niterói, e fui para o Rio,
essa cidade sempre maravilhosa,
aos três anos de idade.
Fundei a primeira escola de samba,
no bairro do Estácio de Sá, e
pelo tempo venho fazendo minha música.
Eu espero que vocês gostem.”*
(Ismael Silva, em “Antonico”)

“A proposta é a de mergulhar na vertiginosa complexidade do Rio de Janeiro contemporâneo. E esse mergulho se dá, justamente, através da produção de doze artistas contemporâneos. Boa parte deles cariocas. Quase todos brasileiros. As exceções acabam por nos mostrar que o alcance das situações e questões vividas pelo Rio de Janeiro já transcende os limites do município, se fazendo presente também em outras regiões do Brasil e alimentando o imaginário estrangeiro” — explica o curador.

Os artistas participantes da exposição são Alberto Baraya (1968, Bogotá), Ana Hortides (1989, Rio de Janeiro), André Griffo (1979, Barra Mansa; vive no Rio de Janeiro), Arthur Chaves (1986, Rio de Janeiro), Celo Moreira (1986, Rio de Janeiro), Elian Almeida (1994, Rio de Janeiro), Jaime Lauriano (1985, São Paulo), Marcos Chaves (1961, Rio de Janeiro), Priscila Roxxo (2001, Rio de Janeiro), Raul Mourão (1967, Rio de Janeiro), Vik Muniz (1961, São Paulo; vive e trabalha no Rio de Janeiro e em Nova York), Yohana Oizumi (1989, Rubiataba, Goiás; vive e trabalha em São Paulo).

O térreo da Galeria Nara Roesler, no Rio de Janeiro, abriga os trabalhos que dialogam diretamente com questões de natureza mais cotidiana, segundo Theo Monteiro. “*Se fazer presente em uma cidade espremeida entre mares, morros e mares de morros requer capacidade humana, técnica, trabalho e estratégia. Paisagens idílicas convivem ao lado de elementos como*



Elian Almeida, *Ismael Silva*
(*Casa Vogue*), 2024
Foto: Rafael Salim

violência, sexualidade, arquitetura, lazer, propaganda, cultura de massa, histórias e memórias”, observa. *“Falamos de uma urbe que conjuga uma natureza de aparência intocada com a agitação característica de uma metrópole latino-americana. E existe todo um universo no meio e por causa disso”.*

As obras expostas no térreo são: *“Dinheiro Vivo: Praia Rodrigues, a partir de Johann Moritz Rugendas”* (2022), de Vik Muniz; *“4 garrafas”* (2017) e *“BangBang #1”*, (2017) de Raul Mourão; *“A mãe tá on”* (2023) e *“Geografia popular”* (2024), de Priscila Roogo; *“Fofuras”*, da série *“Sabor brasileiro”* (2024), de Celo Moreira; *“Cortina vermelhona com criaturinha”* (2022), *“Caquinhos (rodapé)”*, de 2022 e *“Retrato”* (2023), todas da série *“Casa 15”*, de Ana Hortides; e *“Pedras portuguesas #16 (Valongo)”*, de 2023, de Jayme Lauriano.

No piso superior afloram os temas ligados ao espírito, aqueles que só a lógica, a sociologia e o intelecto não dão conta de explicar. *“Em uma cidade onde a vida se faz veemente, só o cotidiano não dá conta. E aí entram o metafísico, o onírico, o sagrado e o celestial”*, assinala o curador. *“A religião, por exemplo, e seus desdobramentos; afinal, falamos de uma metrópole em que a fé é um destacado agente social e político, mas não somente. Também o fute-*



De cima para baixo: Vik Muniz, *Dinheiro Vivo: Praia Rodrigues, a partir de Johann Moritz Rugendas*, 2022;
Celo Moreira, *Fofuras*, da série *Sabor brasileiro*, 2024;
Priscila Roogo, *Geografia popular*, 2024
Fotos: Rafael Salim



bol (o que é o Maracanã senão um grande templo devotado ao nobre esporte bretão?), o carnaval e a ficção dão as caras por aqui, mostrando uma cidade cujo imaginário se enraiza não só geograficamente, mas também nas almas”, afirma Theo Monteiro.

Obras que ocupam o piso superior: “*Deus talvez seja meu ditador favorito*” (2023), de André Griffo; “*Ismael Silva (Casa Vogue)*”, 2024, de Elian Almeida; “*Verbo*”, da série “*Picados*” (2023), de Yohana Oizumi; “*Águia-pescadora en playa vermelha, en Pan de Azúcar, Rio de Janeiro*” (2018), “*Caballo (Equus ferus caballus) en Lagoa*” (2018) e “*Hipopotamo en Copacabana: Expedición Rio de Janeiro*” (2018), de Alberto Baraya; e “*Maracanã*” (2016), de Marcos Chaves.



Theo Monteiro observa que Ismael Silva, em sua introdução à canção “*Antonico*”, “*se apresenta como um forasteiro*”. “*Não só isso: em sua fala, se percebe um tom algo irônico. Ao mesmo tempo em que adjetiva o Rio como ‘essa cidade sempre maravilhosa’, pode-se depreender, pelo tom usado, que a coisa não é tão simples assim. Existem mais coisas entre a Praia de Juru-juba e o Cristo Redentor do que sonha a nossa vã filosofia*” – reflete.



De cima para baixo:

André Griffo, *Deus talvez seja meu ditador favorito*, 2023;

Foto: Flavio Freire

Alberto Baraya, *Hipopotamo en Copacabana: Expedición Rio de Janeiro*, 2018; Foto: Erika Mayumi

Yohana Oizumi, *Verbo*, da série *Picados*, 2023

Foto: Rafael Salim

Mestre em História da Arte pela Universidade de São Paulo, Theo Monteiro é curador e professor de História da Arte, com ênfase em arte brasileira e latino-americana. Foi curador-assistente no Instituto Tomie Ohtake entre 2016 e 2020, e desde 2022 é pesquisador e liaison na Galeria Nara Roesler.

SERVIÇO

“Essa cidade ‘sempre’ maravilhosa”

Até 6 de abril

Galeria Nara Roesler

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h
sábado, das 11h às 15h

Tel.: (21) 3591-0052 | Entrada gratuita

info@nararoesler.art | <https://nararoesler.art/>

Ana Hortides, *Caquinhos (rodapé)*, da série *Casa 15*, 2022

Foto: Estúdio em obra



Festival de Curitiba: mais de 300 atrações



*Estreias nacionais, espetáculos gratuitos e grandes nomes da dramaturgia
vão sacudir a cidade na 32ª edição do evento*

O tradicional Festival de Curitiba apresenta, entre 25 de março e 7 de abril, espetáculos de teatro, dança, circo, humor, música, oficinas, shows e performances artísticas. E gastronomia também marca presença, com seus sabores e muita criatividade. – *Temos a proposta de produzir um Festival para Todos* – explica o diretor do Festival, Leandro Knopfholz. – *Queremos abraçar todos os tipos de público, de todas as idades; com acessibilidade, diferentes gêneros e estilos artísticos* – declara. – *Vamos manter boa parte da programação gratuita e plural. A ideia é promover, por meio da arte, a economia criativa e o turismo de Curitiba e da região* – comemora.

A programação contempla mostras específicas, que acontecem em vários espaços da cidade.

MOSTRA LUCIA CAMARGO

Curadoria de Daniele Sampaio, Giovana Soar e Patrick Pessoa. São 22 espetáculos que representam a diversidade da cena teatral nacional. Com uma grade diversa, que contempla diferentes linguagens e estilos, a mostra traz espetáculos de todas as regiões do país, segundo Fabíula Passini, uma das diretoras do Festival.

No Guairão – *“Traidor”*, peça escrita por Gerald Thomas para Marco Nanini; *“Agora é que são Elas”*, texto de Fábio Porchat para as atrizes Maria Clara Gueiros e Priscila Castello Branco, que interpretarão mais de 20 personagens; *“Duetos”*, a comédia de Peter Quilter, com Patrycia Travassos e Eduardo Moscovis; e *“Sagração”*, o mais novo espetáculo de dança de Deborah Colker, que adiciona sons e ritmos brasileiros à parceria de Igor Stravinsky.

Em sua 32ª edição, nomes consagrados nacionalmente estão confirmados, entre os quais Marco Nanini, Júlia Rabello, Maria Clara Gueiros, Patrycia Travassos, Eduardo Moscovis, Bete Coelho, Georgette Fadel, Luís Melo, Clayton Nascimento, Ranieri Gonzales, Renata Carvalho, Kiko Mascarenhas e Cássia Damasceno – além da participação de grupos como Galpão e Magiluth, com direção de Gerald Thomas, Fábio Porchat, o balé Deborah Colker, Giovana Soar, Daniela Thomas, e performances de Alessandra Maestrini, Danilo Gentili, Ed Gama e Nany People, entre outros.



Marco Nanini em *Traidor*

Foto: Matheus José Maria

No Guairinha – *“Mutações”*, com Luís Melo. Indicado aos prêmios Shell e APCA, o espetáculo traz uma investigação sensível do caos contemporâneo a partir de

múltiplas linguagens, como teatro, cinema, música e artes plásticas; *“Cabaré Coragem”*, o novo espetáculo do Grupo Galpão, que conduz o público numa atmosfera engraçada e delirante, em que os artistas dançam, cantam e fazem números de variedades; em um formato inovador; *“Tatuagem”*, adaptação teatral do longa-metragem homônimo, contemplado com o Kikito de melhor filme; a peça já recebeu indicação ao Prêmio APCA como melhor direção e seis indicações ao Prêmio Bibi Ferreira. E a estreia nacional de *“O Fantasma de Friedrich”*, da produtora Bife Seco, de Curitiba, em uma obra em parceria com o maestro e compositor Enzo Veiga, mestre em teatro musical pela *New York University*, com produções feitas na *Off-Broadway* em Nova Iorque.

Luís Melo em *Mutações*

Foto: Giorgio D'Onofrio

Teatro da Reitoria – *“Ana Livia”*, texto de Caetano Galindo, que marca a volta da respeitada atriz Bete Coelho ao Festival de Curitiba, ao lado de Georgette Fadel, em uma concepção artística limpa, precisa e des-

Musical *Leci Brandão* – *Na Palma da Mão*

Foto: Alberto Mauricio

pida de enfeites; *“Azira’i”*, solo musical com quatro indicações ao Prêmio Shell, que aborda a relação entre uma filha e sua mãe; *“TA | Sobre Ser Grande”*, com o Corpo de Dança do Amazonas, um dos mais respeitados grupos de dança do Norte do país, que mantém uma programação diversa, com patrimônio imaterial reconhecido nacionalmente; *“O Que Nos Mantém Vivos?”*, drama musical indicado ao Shell de Melhor Direção e ao APCA de Melhor Espetáculo. A obra dá seguimento à montagem *“O que Mantém um Homem Vivo?”*, que estreou em 1973 no Teatro Oficina, celebrando os 65 anos da companhia que Renato Borghi fundou ao lado de Zé Celso.

Patricya Travassos e Eduardo Moscovis em *Duetos*

Foto: Barbarah Queiroz

SESC da Esquina – *“Macacos”*, aclamado espetáculo que trata sobre a urgência da vida negra no Brasil, com o ator Clayton Nascimento, indicado aos prêmios Shell e APCA por sua atuação; e *“Leci Brandão – Na Palma da Mão”*, musical que conta a trajetória de uma das maiores artistas brasileiras, que já foi assistido mais de 5 mil pessoas, em apenas 40 apresentações.

Teatro Paiol – *“Meretrizes”*, teatro-documentário que resulta de quase um ano de trabalho com dezenas de profissionais do sexo, que mescla teatro e piano ao vivo; e o contemporâneo *“Minifesto Transpofágico”*, que já circulou por nove países, no qual a atriz, diretora e ativista Renata Carvalho faz questionamentos de como as pessoas enxergam o corpo travesti.

Teatro Zé Maria – *“Meu Corpo Está Aqui”*, dramédia baseada nas experiências pessoais de atrizes e atores PCD, que falam abertamente em cena sobre seus relacionamentos, seus corpos, seus desejos; *“Todas as Coisas Maravilhosas”*, monólogo que celebra os 40 anos de carreira do ator Kiko Mascarenhas; *“Cabaré Chinelo”*, drama musical manauara que traz relevância política ao falar da outra face da belle-époque no Amazonas; e a estreia nacional de *“Três Luzes”*, monólogo com Cássia Damasceno, escrito pela atriz e o cineasta Aristeu Araújo, que marca a primeira experiência do montador e diretor de filmes na direção teatral.

Palácio Garibaldi – *“Apenas O Fim do Mundo”*, do Grupo Magiluth, que completa 20 anos; conta a história de um homem que regressa à casa de seus familiares para lhes dar a notícia de sua morte próxima.

Museu Paranaense – *“ÜHPÜ”*, performance corporal que recria uma transmutação corporal conduzida pelos xamãs em diálogo com os ancestrais. O espetáculo foi concebido a partir de experiências xamânicas com os indígenas Ye’pá Mahsã (Tukano) e Huni Kuin, direto do estado do Amazonas.

FRINGE



Com parte da programação gratuita e acessível a todos os públicos, a mostra ocupa teatros, praças, parques e ruas de Curitiba e da Região Metropolitana, com mais de 285 espetáculos, dos quais 38 serão gratuitos. Os espetáculos da mostra Fringe foram produzidos por aproximadamente 1800 artistas e técnicos vindos de 12 estados do Brasil e de outros países, como Argentina, Peru, Chile e Bolívia. As companhias participam por meio de cadastros voluntários e não passam pela curadoria do Festival. A programação é dividida em *“Mostras”*, *“Espectáculos de Rua”* e *“Circuito Independente”*. Com atrações vindas de cinco regiões brasileiras,

a Fringe promoverá a segunda edição da *“Rodada de Conexões”*, que reúne e aproxima curadores e programadores de festivais, e de salas de teatro de todo o Brasil, das companhias presentes na Fringe e também dos grupos radicados em Curitiba.

MOSTRA TEMPORADA DE MUSICAIS

Trata-se de uma nova mostra que ocupará o Teatro Positivo, com quatro grandes montagens: *“Ney Matogrosso – Um Homem com H – O Musical”*, texto de Emílio Boechat e Marília Toledo, que homenageia o camaleônico Ney Matogrosso, vivido no palco por Renan Mattos, que venceu o prêmio Destaque Imprensa Digital 2022 e foi indicado ao APCA, na categoria de melhor ator; *“Silvio Santos Vem Ai”*, que homenageia o reconhecido apresentador da TV brasileira, com a participação de personagens icônico, como Gugu Liberato, Hebe, Elke Maravilha, Wagner Montes, Bozo e Pedro de Lara, entre outros, com músicas que marcaram essas décadas e animaram os programas de auditório. Outras duas grandes atrações serão divulgadas em breve.

MOSTRA SURDA DE TEATRO

Marco da acessibilidade cultural, a *“Mostra Surda de Teatro”* celebra o protagonismo de artistas surdos, apresenta a cultura surda e a expressão artística em Libras. Sete atrações ocuparão o Teatro Universitário de Curitiba: os dramas *“Sede de Sangue”*, do Recife - PE; *“Dois Perdidos: A Língua Não Dita Numa Relação”*, de São Carlos - SP; e *“Surdo, Logo Existo”*, de Curitiba; *“UFC UNIÃO FORÇA DA COMÉDIA: Mimico Putz x Palhaço Sorddy”*, de Macapá - AP e Recife - PE; *“Um Perfume Pra Te*

Conquistar”, de Florianópolis - SC; e também as experimentais curitibanas *“Espaços”* e *“Visualinguas”*.

PROJETO GURITIBA

O projeto cultural e social, que tem como foco a democratização do acesso à arte para crianças, adolescentes, educadores e famílias, ocorre durante todo o ano e tem sua largada durante o Festival de Curitiba. Em 2024, o programa acontece de 26 de março a 7 de abril, com uma programação especial para toda a família.

Os espetáculos: *“Valentim Valentinho”*, ganhador do Prêmio APCA 2023 de Melhor Direção na categoria Infanto-juvenil, que narra a história de um menino prestes a completar 11 anos e que sonha em ganhar ‘coragem’ de presente de aniversário; *“Itan e Tal”*, do Grupo Baquetá, premiado como Melhor Iluminação em 2023 com o Troféu Gralha Azul, que conta a história de uma menina preta que adora cantar, brincar e cria um jogo chamado *“Mundo Invertido das Palavras”*, em que descobre que seu nome ao contrário é itaN. Antes dos espetáculos, o *“Muralzinho de Ideias”* traz brincadeiras e atividades artísticas para todos. Além disso, durante o período do Festival de Curitiba, diversas ações levarão cultura, divertimento e educação de forma lúdica a diversas instituições sociais da região, com os espetáculos *“Rádio Girolê”*, *“O Terreno Baldio”*, *“No Armário não Cabe Ninguém”* e *“Ynari: A Menina das Cinco Tranças”*.

MISHMASH

Mostra de variedades artísticas e performáticas que diverte famílias inteiras com números de malabarismo,

mágica, mímicas, circo, palhaçaria, música, entre outras vertentes, ocorrerá 6 e 7 de abril, no Viasoft Experience – Universidade Positivo, com direção de Ricardo Nolasko e curadoria de Pedro de Freitas e Rafael Barreiros, o Palhaço Alípio, que já confirmaram presença como Mestres de Cerimônias e da cantora e atriz Alessandra Maestrini.

RISORAMA | 20 ANOS

A mostra mantém sua tradição em formato de um grande *comedy-club*, com os maiores nomes do humor do país, em apresentações com serviço de bar ao público. O anfitrião é Diogo Portugal, um dos precursores do *stand-up* no Brasil, o Risorama comemora sua 20ª edição, trazendo humoristas de destaque da televisão, da internet e dos palcos. O mais tradicional festival de humor nacional ocorre de 28 de março a 2 de abril, no Viasoft Experience – Universidade Positivo, com nomes já confirmados como Danilo Gentili, Marlei Cevada, Igor Guimarães, Patrick Maia, Diguinho Coruja, Dra. Rosângela, Ed Gama, Nany People, Afonso Padilha, Matheus Ceará, entre outros.

Risorama

Foto: Site do festival / reprodução



GASTRONOMIX

O primeiro evento artístico e gastronômico ao ar livre do país, que une programação de música instrumental, artes cênicas e gastronomia, com curadoria do estrelado Chef Celso Freire. Com a participação de restaurantes nacionais e internacionais, pratica uma gastronomia sustentável e utiliza fornecedores locais para reduzir ao máximo os impactos ambientais. Na programação, aulas-show e atividades para toda a família. O Gastronomix ocorre nos dias 6 e 7 de abril, das 11h às 18h, na Universidade Positivo, anexo ao lago e ao Espaço de Eventos.

Todas as novidades, informações e preços estão disponíveis site do Festival de Curitiba www.festivaldecuritiba.com.br, e também na redes sociais: Facebook [@fest.curitiba](https://www.facebook.com/fest.curitiba), Instagram [@festivaldecuritiba](https://www.instagram.com/festivaldecuritiba) e Twitter [@Fest_curitiba](https://twitter.com/Fest_curitiba).

SERVIÇO

32ª Festival de Curitiba

De 25 de março a 7 de abril

Valores: Os ingressos vão de R\$ 00 até R\$ 85 (mais taxas administrativas)

Ingressos: www.festivaldecuritiba.com.br e na bilheteria física exclusiva no ParkShoppingBarigüi, piso térreo (Rua Pedro Viriato Parigot de Souza, 600 – Ecoville), de segunda a sexta, das 11h às 23h, sábados das 10h às 22h e domingos e feriados, das 14h às 20h

Verifique a classificação indicativa e orientações de cada espetáculo | Confira também descontos especiais para colaboradores de empresas apoiadoras, clubes de desconto e associações.

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868